

**RUI FILIPE CABRITA DE AZEVEDO**

**“URZE” – CASAL N.º 197**  
**INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA**  
**NA COLÓNIA AGRÍCOLA DE PEGÕES**

**Orientador: Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Mestrado Integrado em Arquitectura**

**Lisboa**

**2018**

**RUI FILIPE CABRITA DE AZEVEDO**

**“URZE” – CASAL N.º 197**

**INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA  
NA COLÓNIA AGRÍCOLA DE PEGÕES**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 27 de setembro de 2018, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 266/2018, de 13 de setembro, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia;

Arguentes:

Prof. Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes;

Vogais:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Rita Pais Ramos Abreu de Almeida;

Orientador:

Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha.

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Mestrado Integrado em Arquitectura**

**Lisboa**

**2018**

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação marca o fim de um longo ciclo, marcado de aspectos positivos e menos positivos, mas que enriqueceu a minha formação na obtenção do grau de mestre em Arquitectura.

Desta forma, quero reconhecer o esforço e dedicação de todos os que me ajudaram durante o Mestrado e na elaboração desta dissertação.

Em primeiro lugar, cumpre-me agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor João Borges da Cunha por toda a sua dedicação, incansável disponibilidade e mestria no auxílio da elaboração deste trabalho. Ao Arquitecto Bernardo Vaz Pinto, co-orientador desta dissertação pelo apoio e partilha de conhecimentos na elaboração do projecto.

Agradeço à Câmara Municipal do Montijo, em especial ao Arquitecto Paulo Lima pela disponibilidade e facilidade na forma como me proporcionaram a ter acesso a informação que muito enriqueceram o meu conhecimento e a elaboração desta dissertação.

De forma particular, quero agradecer o indescritível apoio nos bons e maus momentos, à minha incansável amiga Cátia Assunção e aos seus pais, que desta forma consigo cumprir a promessa que lhes fiz.

À Ana Lúcia, minha companheira, neta de colonos da Colónia Agrícola de Pegões, por me ter dado a conhecer esta fascinante realidade, por me ter desafiado a utilizá-la como objecto de estudo deste trabalho e acima de tudo, por ter acreditado sempre em mim e por toda a compreensão, dedicação, disponibilidade e apoio em todo este processo.

Para finalizar, não menosprezando os anteriores agradecimentos, quero assinalar aquele que para mim tem sido o apoio mais importante no decorrer deste processo e também ao longo de toda a minha vida, o apoio dos meus pais. Agradeço-lhes por me terem proporcionado sempre as melhores condições para obter o grau de Mestre em Arquitectura.

## RESUMO

Esta dissertação resulta da pesquisa e do estudo daquelas que foram as premissas para a criação da Colónia Agrícola de Pegões. Realidade tão pouco conhecida e que fez parte de um período tão controverso e importante da história de Portugal. O regresso às áreas rurais, com a ideia de aumento de qualidade de vida, é nos dias de hoje uma situação cada vez mais recorrente. Quase um século após a criação da Colónia Agrícola de Pegões, a terra está a voltar a ser o meio de sustentabilidade dos agregados familiares.

Para além de ser efectuado um estudo aprofundado de todos os elementos que fazem parte desta realidade, o grande foco desta dissertação é apresentar uma proposta de intervenção num casal agrícola, mantendo as premissas de habitação e dar nova dignidade à forma de viver este espaço e adaptá-lo aos dias de hoje.

Afastando-se daquelas que são as premissas de reabilitação, a proposta de intervenção tem como objectivo assentar-se naquela que é a memória da Colónia. Elevar o objecto de estudo a algo novo, mas sem perder os fundamentos da sua origem.

**Palavras Chave:** Colónia Agrícola, Casal Agrícola, Singularidade Formal, Descaracterização, Transfiguração.

## ABSTRACT

This dissertation results from the research and the study of those that were the premises for the creation of the Agricultural Colony of Pegões. A reality so little known and that was part of a period so controversial and important in the history of Portugal. The returning to rural areas, with the idea of better quality of living, it is nowadays a recurring situation. Almost a century after the creation of the Agricultural Colony of Pegões, land is once again becoming the means for the sustainability of the households.

Besides a comprehensive study pursued through all the components that make part of this reality, the main focus of this dissertation is to present a proposal of intervention in an green acres, maintaining the premises of housing and offer a new dignity to the way of living within this space and its adaptation to the present days.

Moving away from those that are the rehabilitation premises, the proposal of intervention has an objective based on the memory of the Colony. To elevate the object of study to something new, but without losing the fundamentals of its origin.

**Key Words:** Agricultural Colony, Green Acres, Formal Singularity, Decharacterization, Transfiguration.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	10
1. Apresentação	10
1.1. Singularidade Formal	14
1.2. Descaracterização Arquitectónica	18
1.3. Anti-Restauro	20
1.4. Transfiguração	22
CAPÍTULO II	24
2. Contextualização Histórica, Política e Social	24
2.1. As Origens da Colónia Agrícola de Pegões	27
2.2. Casais Agrícolas	30
CAPÍTULO III	34
3. Intervenção Arquitectónica no Casal "Urze" – n.º 197: Proposta	34
CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA	42
APÊNDICES	I
APÊNDICE I	II
APÊNDICE II	IV
ANEXOS	XVII
ANEXO I	XVIII
ANEXO II	XXV

ANEXO III	XXVIII
ANEXO IV	XXXIII

## INTRODUÇÃO

A escolha do objecto de estudo desta dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, surge com a confrontação e motivação de aprofundar o conhecimento de uma realidade que apesar de se encontrar relativamente perto da capital do país, ainda hoje é por muitos uma realidade desconhecida.

Implantada na época do Estado Novo, a Colónia Agrícola de Pegões surge em 1957, com o objectivo de tentar colmatar uma das grandes carências assinaladas nessa época, como era o caso das explorações agrícolas e a sustentabilidade das pessoas que se dedicavam a esse sector. No que respeita à arquitectura, marcada por uma tipificação projectual, a Colónia era caracterizada por uma linguagem simples assumidamente *regionalista* e *ruralizante*, de que nos dias de hoje, pouco resta para além da sua opaca memória.

Situada no território Este do concelho do Montijo, concelho marcado pela sua descontinuidade territorial, implantada em terrenos que outrora pertenceram a Rovisco Pais e que foram doados ao Estado, a Colónia Agrícola de Pegões é dividida em três núcleos, que se diferenciaram não só pelo aspecto formal das habitações dos Casais que os compunham, mas também pelas diferentes formas de implantação dos mesmos: [Faiais, Figueiras, Pegões Velho].

Entendidos como unidades de produção independentes, os Casais eram constituídos por terrenos destinados à exploração agrícola, com áreas suficientes para a produção que assegurasse a respectiva sustentabilidade, assim como a permanência dos colonos, uma vez que esta era garantida por parte dos lucros da produção agrícola dos Casais.

Os Casais Agrícolas eram também compostos pela habitação entendida nesses terrenos, que para além das áreas sociais (que se enquadravam nos ideais do Estado Novo, segundo tríade da educação nacional – Deus, Pátria, Família), tinha a utilidade de dependência que apoiava a exploração agrícola.

Metodologicamente, a pesquisa e o trabalho de campo foram essenciais para a realização de um trabalho rigoroso que dignifique aquela que é a memória da Colónia Agrícola de Pegões e dos seus colonos. Foi fundamental efectuar um levantamento exaustivo de todos os elementos que compõem a Colónia, desde a sua origem, devido às políticas reformistas no que diz respeito ao sector agrícola durante o Estado Novo, ao entendimento e conhecimento da instituição promotora, a Junta de Colonização Interna, que mediou todos os processos que deram origem à Colónia; desde a elaboração dos projectos estruturais, à avaliação das práticas dos colonos agrícolas. Para um melhor entendimento da linguagem arquitectónica da Colónia, foi necessário adquirir conhecimentos dos elementos e ideais que caracterizam a arquitectura popular ou tradicional. Identificar aqueles que são conceitos chave e motores da realização desta dissertação, foi o processo mais meticuloso, mas também elástico, relativamente a questões temporais e formais das referencias mencionadas. Por último, foi adoptado o exercício de projecto de forma a apresentar uma proposta de intervenção arquitectónica.

A apresentação desta dissertação obedece a uma estrutura tripartida. Dividida em três capítulos, inicia-se com a descrição daqueles que são os motores da proposta de intervenção para o “Urze” – Casal n.º 197. De carácter teórico e com maior pendor reflexivo, o primeiro capítulo revela essencialmente quais são as motivações para a realização de uma proposta que adegue o objecto de estudo, carregado de memórias, à forma de habitar dos dias de hoje. Também de carácter teórico, é no segundo capítulo que se dá a conhecer o objecto de estudo desta dissertação, tudo o que o envolve, onde se insere e a sua origem. Para finalizar, no terceiro e último capítulo, surge a proposta de intervenção, que assumidamente não vai ao encontro do Plano Director Municipal do Montijo, que actualmente apresenta algumas restrições regulamentares relativamente a intervenções na Colónia Agrícola de Pegões, mas que expressa as reflexões que estão na origem da realização deste trabalho.

## CAPÍTULO I

### 1. Apresentação

Ainda nos dias de hoje, são poucos aqueles que reconhecem uma realidade que foi tão marcante, como é o caso da Colónia Agrícola de Pegões e muito disso se deve ao facto de os projectos da Junta de Colonização Interna, que surgiram durante o Estado Novo, tenham sido estudados segundo discursos legislativos e políticos, ao ponto de Nuno Teotónio Pereira indicar que “se trata de um património arquitectónico quase por completo ignorado e ainda não objecto de estudo, mesmo a nível nacional (...) poderia até dizer-se que se trata de um património escondido” (Pereira, 2009: 15).

É inevitável dissociar a criação da Colónia Agrícola de Pegões do ambiente político em que se insere. Fernando Rosas aborda a política de colonização do Estado Novo como parte de um programa de modernização qualitativa da agricultura e dentro deste contexto, com propriedades familiares de pequenas dimensões implantadas em grandes porções de terra, em terrenos ainda incultos e entendidas como forma de fixação por força do trabalho, produz-se a ideia de uma colonização a sul do país (Rosas, 1991: 771-790).

É perante este cenário que se reitera a questão orientadora da pesquisa elaborada para a realização deste trabalho: existe necessidade e em que contexto, de intervir de forma a recuperar os casais de Colónia Agrícola de Pegões?

Contextualmente parte de um período modernista no que diz respeito à arquitectura, e à respetiva implantação é perfeitamente identificada por Nuno Teotónio Pereira como “planície imensa e despovoada” (Pereira, 1991: 13). A Colónia Agrícola de Pegões, dotada de “edifícios de feição marcadamente moderna (...) não foram integrados no inquérito” (*ibidem*: 15) à arquitectura popular portuguesa que visava “registar exemplares representativos da arquitectura vernácula” (*ibidem*). É desta forma que se torna perceptível o facto da arquitectura da Colónia Agrícola de Pegões ser uma nova realidade no panorama arquitectónico nacional, tanto na sua forma como no seu modo e propósito de implantação, mesmo se datando da época do Estado Novo.

Apesar de pouco estudados e pouco reconhecidos, os conceitos culturais e políticos implícito na Colónia Agrícola de Pegões vão para lá da data de implantação e isso é observado no capítulo “1848 e as suas Consequências” da obra de Leonardo Benevolo,

*As Origens da Urbanística Moderna*, onde quase um século a separar as duas realidades, os objectos de estudo em causa em tudo se relacionam de forma integrada no seu tempo (Benevolo, 1994: 111-166).

Assim como no Estado Novo, “[a] revolução de 1848, por ser o momento decisivo da história da cultura e da experiência política do século XIX, é também por isso o ponto na história da urbanística moderna” (Benevolo, 1994: 111). Criando um paralelismo entre as duas épocas, durante o Estado Novo, a grande capital de Portugal, Lisboa, sofreu uma das maiores reestruturações em termos urbanísticos, assim como Leonardo Benevolo nos mostra que

em urbanística, o resultado imediato é um esforço do aspecto técnico puro; de facto, nos vinte anos subsequentes à revolução de 1848 realizaram-se as primeiras grandes intervenções urbanísticas nas cidades europeias: os *grands travaux* de Haussmann em Paris (1853-1869) e de Anspach em Bruxelas (1867-1871), a criação do Ring de Viena (1857), a ampliação de Barcelona (1859), a ampliação de Florença (1864-1877), as transformações e obras de saneamento da Grande Londres, ... [entre 1848 e 1865]. (Benevolo, 1994: 113)

Da mesma forma que foi feito um paralelismo entre as duas épocas no que diz respeito ao desenvolvimento urbanístico nas grandes cidades, o mesmo é perceptível no que diz respeito à arquitectura popular e à semelhança à Colónia Agrícola de Pegões: “[a]s primeiras iniciativas de construção popular, patrocinadas por empresários privados ou pelo Estado, desenvolvem-se” (Benevolo, 1994: 121) num contexto ideológico e político idêntico, entre 1844 e 1845 e exemplo disso, são as várias iniciativas que foram realizadas dentro de moldes idênticos aos da Colónia Agrícola de Pegões, onde prevaleciam as questões de sustentabilidade económica por força do trabalho, incentivo à fixação e de habitação como de apoio às características laborais, entre elas a *Society for Improving the Dwellings of the Labouring Class*, onde o objectivo era manter baixo o valor do aluguer dos alojamentos; Bessbrook, aldeia para operários na Irlanda; os modelos de habitações para trabalhadores que foram contruídos para a Exposição Universal de Londres em 1851; *des habitations des classes ouvrières* em França; casas operárias na Exposição Universal de Paris, 1867; casas operárias francesas da Companhia Anzim; casas operárias da *Société Mulhousienne des Cités Ouvrières*; casas operárias de Grand-Hornu, na Bélgica; colónia operária de Kronenberg, entre outros exemplos.

Sendo provada a necessidade de reconstruir a Colónia Agrícola de Pegões por todo o seu carácter histórico e contextual, a grande problemática que se impõe é como é que o casal se recupera e mantém a si mesmo, passado outro meio século e entrados num novo milénio?

Para responder a esta questão é necessário aprofundar os conhecimentos sobre a matéria da *Singularidade Tipológica* da arquitectura dita popular ou vernácula. Através da abordagem de José Baganha é possível encontrar uma linha condutora na obtenção de respostas no sentido de como chegar ao exercício projectual para a reconstrução dos casais.

Considerando que a ocupação urbana do território compreende, em termos formais, dois elementos fundamentais: a estrutura edificada e os espaços livres (...) o carácter, a identidade, de um determinado povoado resulta da distribuição relativa dos diversos espaços bem como a sua articulação e da arquitectura dos seus edifícios.  
(Baganha, 2013: 2)

É notória a singularidade cultural da Colónia Agrícola de Pegões e a sua arquitectura revela um carácter conservador, ou ruralista, que tinha como principal premissa uma linguagem formal pouco inovadora e próxima do conceito de arquitectura portuguesa regional, sempre segundo os pilares ideológicos do Responsável pela Nação, António Oliveira Salazar, *Deus, Pátria e Família*. Dentro desta *Singularidade* é imperativo fazer-se o estudo das formas e dos processos tradicionais, mas também uma abordagem nova, sem preconceitos na tentativa de obter uma melhor relação entre tradição e contemporaneidade.

Actualmente o cenário que se pode observar na Colónia Agrícola de Pegões é de *Descaracterização Arquitectónica* por força das necessidades das famílias que ocupam os casais. Em termos urbanísticos, e no que diz respeito aos limites das porções de terras pertencente a cada casal e a relação existente entre acessos e espaços públicos, tem sido preservado o enquadramento original, mas a necessidade e os novos modos de vida e as novas formas de habitar têm levado a uma descaracterização sem um fio condutor comum. Para que a perda de identidade e a perda do seu carácter cultural seja minimizado, e no sentido de criar um maior bem estar à respectiva população será urgente encontrar soluções eficazes. É certo que o cenário de descaracterização visível é muito difícil de reverter, e qualquer tipo de intervenção nos casais que ainda estão livres desse "flagelo", não passaria de um exercício de mudança de peças que constituem o programa arquitectónico do objecto de estudo e num exercício de reabilitação, certamente que se resumiria ao levantamento exaustivo de patologias e de técnicas e sua resolução.

De forma a evitar uma "prespectiva tipificadora" (Coelho, 2009: 91) e não seguir uma linha orientadora de desenvolver um modelo tipo, como se pôde verificar *supra* nas consequências da revolução de 1848, é de forma assumida que para além de se estudar as

tipologias da arquitectura popular e a sua contextualização, o objectivo e a finalidade deste trabalho é de adoptar uma postura de *Anti-Restauro* no que diz respeito ao mero levantamento de problemas existentes e de propostas de solução e da adopção das inúmeras técnicas que lhe são implícitas, desenvolvendo antes um exercício de projecto segundo um programa habitacional que valorize toda a contextualização do objecto de estudo, optando por uma abordagem de *Transfiguração* que dentro da *Descaracterização* actual dos casais, fique notório que só através de um estudo das disciplinas que estruturam a linguagem arquitectónica e sobretudo aquele que é o trabalho do arquitecto, se consigam encontrar soluções formais e de uso que respondam às novas formas de habitar, respeitando o legado simbólico-cultural da Colónia Agrícola de Pegões.

## 1.1. Singularidade Formal

É de arquitectura popular ou vernácula que se trata, em termos de *Singularidade Formal* e nos estudo tipológicos, é com naturalidade que há que ter em conta aspectos “de natureza histórica, geográfica, socio-económica y otros – no podremos emprender semejante estudio ignorando estos factores – incluso porque, en la mayor parte de los casos (sino siempre) justifican la diferenciación tipológica, las variables de región a región” (Baganha, 2012: 21)

Antes de particularizar o objecto de estudo desta dissertação é necessário analisar de que forma é que o contexto regional e cultural pode influenciar no exercício projectual, e como é que este deve ser encarado em termos formais. Como se deve intervir nos casos de *singularidade* adaptando-os aos dias de hoje? “[C]omo tornar-se moderno e voltar às raízes; como reviver uma civilização antiga e adormecida e participar da civilização universal?...” (Ricoeur *apud* Frampton, 2003: 381). É perante este cenário, que Kenneth Frampton, no capítulo 5, da obra *História e Crítica da Arquitectura Moderna*, intitulado “Regionalismo Crítico: arquitectura moderna e identidade cultural”, indica que

Ricoeur sugere que manter qualquer tipo de cultura autêntica no futuro irá depender, em última instância, da nossa capacidade de gerar formas vitais de cultura regional enquanto nos apropriamos de influências estrangeiras tanto no plano cultural quanto no da civilização.  
(Frampton, 2003: 382)

Desta forma é inevitável falar-se de *regionalismo crítico*, conceito este que tem como prática a crítica relativamente à modernidade e aos factores de modernização, não abandonando aqueles que podem ser factores evolutivos perante um cenário arquitectónico da actualidade, que tem como preferência a pequena em detrimento da grande escala. É um conceito regional, e relativamente ao que foi mencionado *supra*, é inevitável que detaque os “factores específicos do lugar” (Frampton, 2003: 396), cultivando o que podemos considerar como uma cultura da modernidade direccionada para o lugar sem se fechar em si mesmo, tentando ainda assim cultivar uma “cultura universal” (*ibidem*: 397) em termos formais, tecnológicos e estéticos (*ibidem*: 381- 397).

Com o intuito de explicar o conceito de *regionalismo crítico*, Frampton, mencionada obras de alguns arquitectos reconhecidos, entre os quais, Siza Vieira, Luis Barragán, Oscar Niemeyer, Mario Botta, Tadao Ando, entre outros.

Equandrando este conceito no caso da Colónia Agrícola de Pegões e fazendo um paralelismo com uma cultura diferente, no caso uma cultural oriental, no mesmo capítulo, Frampton, cita Ando quando este escreve:

Depois da Segunda Guerra Mundial, quando o Japão entrou num ritmo de rápido crescimento econômico, os critérios de valores das pessoas mudaram. O antigo sistema familiar, fundamentalmente feudal, entrou em colapso. Essas transformações sociais como a concentração de informações e locais de trabalho nas cidades levaram à superpopulação de povoados agrícolas e colónias de pescadores (como também deve ter acontecido em outras partes do mundo). Populações urbanas e suburbanas excessivamente densas tornaram impossível preservar um traço que, no passado, foi por demais característico da arquitetura residencial japonesa: o contacto íntimo com a natureza e a abertura para o mundo natural. Aquilo a que me refiro quando uso os termos “arquitetura moderna fechada” é uma recuperação da unidade entre a casa e a natureza, algo que as moradias japonesas perderam ao longo do processo de modernização.

(Ando *apud* Frampton, 2003: 393)



**Figura 1 – Tadao Ando, Casa Koshino, Osaka, 1981.**  
Fonte: © Flickr Gonzalo Perez, s/d. *in* [www.arhdaily.com.br](http://www.arhdaily.com.br)

Os fenómenos de superpopulação ou de população excessivamente densa, não são variáveis na equação da Colónia Agrícola de Pegões, mas as palavras de Ando reflectem-se e muito na *Singularidade* actual da colónia quando emprega os termos “arquitetura moderna fechada”, não quando fala em recuperação, mas sim, na relação de unidade entre casa e natureza, que é sem dúvida uma característica tão particular da colónia, mesmo pertencendo a um concelho que devido à sua proximidade com a Capital, se tem afastado dos aspectos rurais e que tem uma linha de desenvolvimento crescente em todos os aspectos sociais e culturais, semelhante ao fenómeno de suburbanização.

No aspecto estrutural e em questões formais, outro exemplo que se pode retirar do mesmo capítulo, estabelecendo uma relação com a Colónia Agrícola de Pegões, são

[a]s casas de [Mario] Botta (...) [que se] [d]eclaram [...] como formas primárias, colocadas contra a topografia e o céu. Sua capacidade de harmonização com a natureza parcialmente agrícola da região emerge diretamente da sua forma e acabamento *analógicos*; ou seja, a partir do claro bloco de concreto [betão armado] de sua estrutura e do silo ou armações em forma de celeiro nas quais são assentadas, estas últimas aludindo às estruturas agrícolas tradicionais das quais derivam.  
(Frampton, 2003: 392; destaque do autor)



**Figura 2 - Mario Botta, Casa em Riva San Vitale, Suíça, 1972-73.**  
Fonte: Mario Botta Architetti, s/d.

Debruçando-nos sobre o objecto de estudo desta dissertação, não se pode falar da Colónia Agrícola de Pegões, sem se falar da *Casa Portuguesa*, estilo marcadamente presente na arquitectura da colónia e que evidencia a sua *Singularidade Formal*. Raul Lino, figura “determinante no cenário da mudança de século em Portugal” (Cenicacelaya, 2006) e protagonista deste estilo, “recupera determinados aspectos da arquitectura vernácula portuguesa, como a construção de paredes maciças com fenestração escassa, coberturas inclinadas de telha tradicional, e chaminés largas e estreitas” (ibidem). Como podemos verificar *infra* no capítulo Casais Agrícolas, foi desta forma que o arquitectos Henrique Albino e António José de Oliveira Trigo elaboraram os “projectos tipo” dos casais.

A Colónia Agrícola de Pegões pertence ao distrito de Setúbal, mas a sua proximidade da fronteira com o Alentejo torna evidente que a sua *Singularidade Formal* seja a mesma que está presente na "morfologia urbana de los poblados del Alentejo" (Baganha, 2012: 85). O estudo elaborado por José Baganha relativamente à predominância da imagem vernácula é prova dessa *Singularidade*, quando escreve:

[e]sta servimdumbre de uso denota, de hecho, un origen rural, recordándonos la relación con el campo de los conjuntos edificados de los *montes*, o de las pequeñas aglomeraciones rurales, reservando para la parte trasera las funciones prácticas de trabajo y para la parte delantera las funciones de representación social.

Estos espacios acabaron por ser absorbidos por las propiedades que con ellos lindaban, en muchos casos, manteniendo sin embargo su carácter de espacio libre y, en algunas situaciones, todavía, áreas de producción de subsistencia, con pequeñas huertas y cítricos (limoneros, naranjos, mandarinos, etc.) contribuyendo a ese ambiente tan especial de las aglomeraciones urbanas de la región, con una nota «pitoresca» de ruralidad.  
(Baganha, 2012: 85)



**Figura 3 - Casal nº 197 "Urze", Núcleo das Figueiras, Santo Isidro de Pegões, 1947-52.  
Fonte: © Paulo Lima, 2006, in A Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões.**

## 1.2. Descaracterização Arquitectónica

Muitos consideram que vivemos numa “cultura da cópia, uma sociedade de saturação” (Leach, 2005: 13) e que “[o] mundo do arquitecto é o mundo da imagem” (*ibidem*: 25), onde a mesma, muitas das vezes se sobrepõe a outro tipo de questões, como por exemplo, à questão funcional. Vivemos “reféns” da estética e quando esta

presiste enquanto condição cultural de base que invade – a um maior ou menor nível – toda a sociedade actual, os seus efeitos são tanto mais notórios numa disciplina mediada pela imagem. A arquitectura encontra-se completamente dependente desta condição, dado que os arquitectos assumem o processo de estetização como consequência necessária da profissão.  
(Leach, 2005: 25)

É inevitável associar o fenómeno de *Descaracterização* a esta nova cultura da imagem e da estetização. No caso prático da Colónia Agrícola de Pegões, *Descaracterização* é o conceito que melhor define as acções que ocorreram na arquitectura dos casais, ao longo dos anos até à actualidade, fenómeno este, que em casos raros ou mesmo em situação alguma, foi fruto do trabalho do arquitecto, mas sim fruto da intervenção das pessoas que viviam e vivem os casais, por força a adaptarem os espaços às suas necessidades de habitar. Não existindo um fio condutor ou normas orientadoras que condicionassem essas mesmas intervenções, fez com que cada casal se sujeitasse ao critério e ao gosto das pessoas que os habitam, *idealizando* assim uma melhor opção em termos funcionais e obdecendo ao *ideal* de estética de cada um.

A questão da estetização remete-nos para uma “fetichização da imagem” (Leach, 2005: 27) e essa mesma

estetização pode assim ser vista como forma de distorcer a realidade, privilegiando sensibilidades estéticas e descurando outras preocupações de fundo. Claro que este fenómeno pode traduzir-se no mecanismo de defesa perfeito, oferecendo um casulo estético para os aspectos mais áduos da realidade. Um objecto pouco atraente pode tornar-se aprazível ao adoptar nova aparência, e conseguimos facilmente transformar um matadouro abandonado numa potencial galeria de arte. Estetizar um objecto significa anestesiá-lo e despi-lo das suas conotações desagradáveis.  
(Leach, 2005: 31-33)

Neil Leach, com esta afirmação leva-nos a entender que o processo ou o fenómeno de estetização remete sempre para casos de superação, onde a intervenção obtém um carácter estético superior ao pré-existente. Voltando ao caso de estudo da Colónia Agrícola de Pegões, o efeito anestésico da estetização a que cada casal foi sujeito, não foi primordialmente com o intuito de despi-los das suas conotações desagradáveis, como *supra*

indicado, que os ligam ao Estado Novo, o qual tinha um pendor político facista. Não fazendo qualquer tipo de juízo de valor, a realidade do caso do estudo é bem diferenciado daquilo que Leach nos indica, e é aqui que se nota a falta do trabalho do arquitecto na procura de soluções eficazes, em termos formais e de uso, aliando o conceito de estetização mencionado por Leach.

Explorando as conotações desagradáveis de inspiração facista que estiveram presentes na criação da Colónia Agrícola de Pegões, "[a] questão mais preocupante não é, pois, a da apropriação e exploração da arquitectura pelos regimes facistas" (Leach, 2005: 53), mas sim, na época em que cada um ficou proprietário do seu casal e ganhou liberdade de intervenção, e por isso, é evidente que

[a] grande diferença em termos de escala entre o arquitecto e a sua maqueta permite-lhe assumir, qual Gulliver, uma posição de autoridade frente ao espaço real dos seus projectos. Distritos inteiros podem ser eliminados com um corte de bisturi num exercício que funciona muitas vezes e tão-somente de acordo com parâmetros estéticos. Consequentemente, e como podemos imaginar, não se trata apenas de existir um potencial arquitecto em cada ditador fascista, mas também um potencial fascista em cada arquitecto.

(Leach, 2005: 53-54)

Neste caso específico, e remetendo para a afirmação de Leach, poderíamos imaginar um potencial facista em cada proprietário dos casais, onde cada um intrevém segundo as suas ideias, dando assim origem à *descaracterização* arquitectónica evidente na Colónia Agrícola de Pegões.

### 1.3. Anti-Restauro

É perante a contextualização histórica *infra* apresentada e com o intuito primordial de preservação dos casais da Colónia Agrícola de Pegões, que o conceito de *Anti-Restauro* surge nesta dissertação, quando aqui se tenta desmarcar de uma linguagem de reabilitação, de levantamento de patologias e conhecimento / estudo de técnicas de reabilitação, sendo essa, talvez, a tendência mais evidente e comum de intervenção. Neste sentido, é inevitável debruçarmo-nos sobre este conceito sem olharmos para aquele que foi o pensamento de uma das correntes doutrinárias do restauro do património histórico: os anti-intervencionistas, principalmente sob a reflexão das convicções de John Ruskin.

What is true of human polity seems to me not less so of the distinctively political art of Architecture. I have long felt convinced of the necessity, in order to its progress, of some determined effort, to extricate from the confused mass of partial traditions and dogmata with which it has become encumbered during imperfect or restricted practice, those large principles of right which are applicable to every stage and style of it. Uniting the technical and imaginative elements as essentially as humanity does soul and body, it shows the same infirmly balanced liability to the prevalence of the lower part over the higher, to the interference of the constructive, with the purity and simplicity of the reflective, element. This tendency, like every other form of materialism, is increasing with the advance of the age; and the only laws which resist it, based upon partial precedents, and already regarded with disrespect as decrepit, if not with defiance as tyrannical, are evidently inapplicable to the new forms and functions of the art, which the necessities of the day demand. How many these necessities may become, cannot be conjectured; they rise, strange and impatient, out of every modern shadow of change.  
(Ruskin, 1849: 2)

Sustentando a ideia de lembrança, na obra *The Seven Lamps of Architecture*, é evidente que Ruskin, atribuía à arquitectura um papel essencial, sendo esta o principal meio de ligação com o passado (Ruskin, 1849). Neste sentido, é criada uma dualidade entre *beleza* e *utilidade*; e aqui, pode ser feito um exercício de elasticidade temporal e de paralelismo, quando *supra* citado no conceito de *Descaraterização Arquitectónica*, as intervenções efectuadas pelos proprietários dos casais da Colónia são entendidas segundo uma dualidade entre a necessidade utilitária e formal com a ideia de estetização; objecto útil e obra de arte, visto que o autor defendia que deveria ser possível observarmos as intervenções e percebermos o valor incorporado ao longo das gerações (*ibidem*).

Seguindo as doutrinas anti-intervencionistas, e segundo o ideal de que o património arquitectónico seria daqueles que o construíram como faria parte do espólio das gerações futuras, pode-se afirmar que é assim que surge o conceito de *Anti-Restauro*, onde a ideia de *restoration* era impensável, uma vez que seria colocado em causa a autenticidade do

objecto, não colocando, de todo, de parte questões de manutenção, desde que fossem imperceptíveis (Choay, 2010).

Não seguindo à risca os ideais anti-intervencionistas, mas servindo-nos elas de base, é evidente que o conceito de *Anti-Restauro* é uma das motivações do trabalho realizado nesta dissertação. Com objectivo de intervenção no casal "Urze", do núcleo das Figueiras da Colónia Agrícola de Pegões, devido aos avanços tecnológicos, às inovações técnicas e de materiais, de forma a não colocar em causa a autenticidade do objecto e devido ao ambiente de *descaracterização* em que se insere, esta é certamente a linguagem que pode obter resultados mais favoráveis.

## 1.4. Transfiguração

Várias leituras podem ser feitas relativamente ao conceito de *Transfiguração*, mas sendo um dos motores do trabalho realizado nesta dissertação sobre a Colónia Agrícola de Pegões, é essencialmente de *mudança* que se fala.

A boa casinha portuguesa tem de ser encarada no conjunto da paisagem à qual se liga. (...) É nestas horas palpitantes, doiradas e calmas, em que nos sentimos imbuídos não sabemos de que sentimento de paz e conciliação, que essas simpáticas casinhas à beira da estrada, ou entre os campos, melhor nos revelam o seu *português sentido*. Que alegres no seu variado matiz, que acomodadas nas proporções; que graça, que modéstia e contentamento não respiram! Nada têm de forçado ou de menos seguro efeito; tudo parece ter nascido do próprio lugar com toda a naturalidade.  
(Lino *apud* Domingues, 2011: 300; destaque nosso)

Segundo apresentado *supra* (cf. 1.1), os casais da Colónia reúnem grande parte dos aspectos essenciais da *boa casinha portuguesa*, mostrados por Raul Lino. Encarada na sua época como a forma mais harmoniosa de viver o espaço, a realidade é que a *boa casinha portuguesa* de Raul Lino, apesar de ainda nos revelar o seu “português sentido”, não está adaptada ao modo de viver da cultura global da actualidade.

Foi sobretudo este fenómeno de inadaptabilidade que deu origem à *Descaracterização* visível nos casais da Colónia e que levou aos antigos colonos e aos proprietários dos casais, à alteração da sua *figura* por força das necessidades a que foram sujeitos os espaços, ao longo dos tempos, e em grande parte dos casais, por força da *desruralização*,

conceito que se usa nas Ciências Sociais para denominar o processo de mutação socio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola (agro-florestal e criação de gado) e das culturas e *modos de vida* rurais tradicionais das sociedades *camponesas*. [Levando assim à] transformação da cultura rural enquanto modo de vida, visão do mundo, sistema de hábitos, crenças, tradições ou comportamentos.  
(Domingues, 2013: 69; destaques do autor)

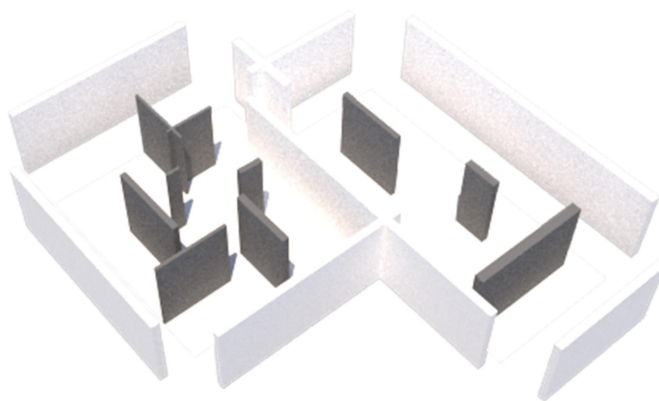
Assumindo este panorama, nesta dissertação, o conceito de *Transfiguração* assume o papel de factor de *regeneração*, ou seja, de motor para uma *nova formação* ou *nova organização* do espaço e Mieke Bal, na obra *Travelling Concepts In The Humanities*, define com clareza o efeito que este conceito tem como fundamento de uma proposta de intervenção, quando diz:

Transfiguration, including its collusion with death, is not unrelated to what Georges Bataille called *alteration*. According to Rosalind Krauss' account of it (1999a:8), this concept simultaneously grasps two totally different kinds of logic that can help to further clarify the paradox of Benjamin's philosophy of translation. The first is that of decomposition, the blurring of boundaries through matter's tendency to dissipate. The second is what we today would call 'othering', the logic of radical distinction. The two meet where death decomposes the body and transforms the former subject into a soul, a ghost, a spirit; they meet, that is, in the transfiguration that both 'melts' the body and elevates it to something else - here, in sanctity. This is why flames can so aptly replace decomposition. But flames themselves are in movement - and in time. The resolution of the hesitation between narrative movement and still visuality could, therefore, not be better shaped than in this all-consuming theatrical fire. By absorbing transfiguration, transformation, and translation, this fire is an ideal example of what the concept of image implies.

(Bal, 2002: 84; destaques do autor)

Neste contexto, *Transfiguração* assume um papel semelhante ao que foi o do Dadaísmo, *uma nova realidade* através de uma abordagem libertadora. É através desta ideia de libertação e de libertar o Casal da predominância das áreas de trabalho, que se sobrepõem às áreas sociais, que a *Transfiguração* pretende, como é mencionado *supra* por Mieke Bal, *eleva* o objecto de estudo e atribuir-lhe uma nova realidade, uma realidade outra.

A intervenção proposta no "Urze" – Casal n.º 197 do núcleo das Figueiras, tenta preservar o mais possível os traços originais do casal, mas é perceptível que a adequação dos espaços aos regulamentos que definem áreas mínimas das formas de viver na actualidade e ao modo como os espaços são vividos, modifiquem a sua disposição de raiz e inevitavelmente o aspecto formal do objecto.



**Figura 4: Esquema demonstrativo de *Transfiguração*.**  
Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

## CAPÍTULO II

### 2. Contextualização Histórica, Política e Social

É desde o período setecentista que os terrenos de Santo Isidro de Pegões ganham algum destaque, pelo facto de nessa altura serem atravessados pela denominada *Estrada Real* (actual Estrada Nacional n.4), sendo a única ligação entre a capital e a fronteira com Espanha. Esse destaque é evidenciado, quando o rei D. João V, no início do séc. XVIII, ordena a construção de quatro fontanários ao longo da *Estrada Real*, com vista do abastecimento dos seus utilizadores, sendo em Pegões o local em que se encontra o primeiro exemplar desses fontanários ao gosto Barroco.



**Figura 5: Actual Estrada Nacional N.4 (Antiga Estrada Real).**  
Fonte: Imagem Google Maps, 2018, edição do autor.

Foi sob o poder político do Estado Novo e perante uma “crise de desemprego rural” (Lopes, 2009: 24) que

Rafael Duque, [é] chamado à pasta da Agricultura em Outubro de 1934, tenta implementar um modelo alternativo de progressiva reforma e modernização da agricultura, assente nos pressupostos «neofisiocráticos» de uma corrente portuguesa de pensadores da «coisa agrícola» com fundas tradições no ideário económico nacional. (Rosas, 1991: 771; destaques do autor)

O modelo reformista de Rafael Duque tinha como principal objectivo “*mudar de rumo*” (Duque *apud* Rosas, 2009: 778) com vista à “verdadeira «defesa da terra»” (Rosas, *ibidem*), procurando na mesma, uma produção de bens que escasseavam em Portugal e que pudessem ser exportados.

Neste sentido, um dos principais marcos do "percurso histórico da ideologia do reformismo agrário no Portugal do Estado Novo" (Rosas, 2009: 789), foi a criação da Junta de Colonização Interna, através da publicação do Decreto-Lei n.º 27207, de 16 de Novembro de 1936.



Figura 6: Logótipo da Junta de Colonização Interna.  
Fonte: Santo Isidro de Pegões: *Contrastes de um Património a Preservar*, 2009.

A Junta de Colonização Interna, cujas competências eram estabelecer a reserva de terrenos baldios do Estado e aquisição de terrenos privados para colocar em prática políticas de colonização e instalação de casais agrícolas, surge com a missão de viabilizar a agricultura familiar através de incentivos que levassem à fixação da população rural.

Durante as primeiras décadas do século XX, tinham já sido publicados vários decretos, quer se tratasse de terrenos públicos, particularmente de baldios, ou privados, através do parcelamento e posterior aforamento ou arrendamento, e assim permitir e promover a exploração de pequenas unidades familiares. Deste modo se procurava «combater a desagregação da propriedade agrícola e a sua manutenção como unidade económica viável».

(Lopes, 2009: 18; destaque do autor)

No tipo de política exercida pelo Estado Novo de "ressurgimento nacional" (Lopes, 2009: 21), eram os engenheiros os principais protagonistas no seio da Junta de Colonização Interna, liderando iniciativas dotadas de componentes modernas, científicas e racionais, tão pretendidas pelo regime na aplicação das suas iniciativas.

## 2.1. As Origens da Colónia Agrícola de Pegões

Fruto das iniciativas *supra* mencionadas, foram implantadas várias colónias pelo país, segundo o ideal de trabalho auto-suficiente, entre as quais a Colónia Agrícola de Pegões. Sendo o único caso de colonização em terras a sul do rio Tejo, a Colónia Agrícola de Pegões foi implantada em terrenos pertencentes ao Estado, doados por Rovisco Pais, aos Hospitais Civis de Lisboa, aquando da sua morte. Tendo sido o maior e mais complexo caso de colonização do país, onde foram implantados 207 de cerca de 500 casais agrícolas, da autoria dos engenheiros Henrique de Barros e de Mário Pereira, Pegões recebeu pessoas de todo o território nacional, “resultado não só da crise de desemprego rural que se vivia, como também da atracção que a perspectiva de casa e terra própria exercia” (Lopes, 2009: 24-25).

Para além de serem fiscalizados periodicamente, os candidatos ao recrutamento de colonos de 1938, teriam de cumprir alguns requisitos impostos pela Junta de Colonização Interna, tais como:

«(...) Ser português, menor de 45 anos, robusto e saudável, sério, ter amor ao trabalho e à família, não ser alcoólico, nem desordeiro, nem comunista, acatar a Constituição e a ordem social, ter exercido durante cinco anos mesteres agrícolas (...)». (...) Outra imposição era a do casamento, uma vez que a maioria dos casais de camponeses não era casada teria que aceitar o ritual religioso e civil como condição de permanência no colonato. Aliás, não nos esqueçamos que a base económica e ideológica do projecto assentava no agregado familiar como unidade estruturante.

«Haviam muitas regras, um indivíduo tinha que ser católico, etc. e depois vinha o Américo Tomás e tínhamos que saber umas cantigas de cor... Havia alguma contestação porque se dizia que era um aproveitamento do Estado Novo...», afirma o Sr. Florêncio Pinto, (...) filho de colonos.

(Lopes, 2009: 23-24, destaques do autor)

Para o usufruto dos casais agrícolas, os colonos tiveram de assinar um contracto provisório de 3 a 5 anos, onde dentro desse período de tempo iriam ver avaliadas as suas aptidões de colonos agrícolas e como é que os mesmos se tinham adaptado ao local e às condições impostas pela Junta de Colonização Interna. Passado esse período e tendo a aprovação da Junta de Colonização Interna, os casais passavam ao “regime de fruição definitiva. Depois de concluídas as amortizações do preço do casal e dos empréstimos concedidos, estipuladas ao longo de um prazo de trinta anos através de uma anuidade de um sexto da produção”. (Lopes, 2009: 26)

Com o golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, surgiram alterações aos contratos que estavam em vigor, que com a autorização de Aníbal Cavaco Silva, Primeiro-Ministro em funções na altura, o pagamento dos casais poderia ser feito de forma integral, sendo os alvarás de fruição definitiva entregues a 18 Março de 1989.

Pertencente ao concelho do Montijo, na designada, em 1957, freguesia de Santo Isidro de Pegões, a implantação desta Colónia Agrícola foi dividida em três núcleos: Faias, Figueiras e Pegões Velhos.

As áreas cultiváveis atribuídas aos casais variavam segundo os núcleos: 20 hectares em Pegões Velhos, 18 em Figueiras e 15 em Faias. A cada casal eram cedidos, em média onze hectares de sequeiro, para o cultivo de cereais, quatro de vinha, um de regadio, para laranjal, forragens, batatas e hortícolas, e dois de pinhal. (...) Aos primeiros colonos a JCI concedeu um empréstimo de vinte e cinco mil e quinhentos escudos destinado à aquisição de gado, alfaias e à constituição do Fundo de Exploração Rural. (Lopes, 2009: 22)



**Figura 7: Momento de Lavoura na Colónia Agrícola de Pegões.**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/colonia-agricola-de-pegoes.html>

A implantação dos três núcleos foi diferenciada e detêm diferentes características, onde se verifica que a implantação nos núcleos das Faias e de Pegões é caracterizada pela sua forma dispersa e pela sua orientação aos percursos naturais das ribeiras existentes. No núcleo das Figueiras, a implantação foi estabelecida de forma concentrada, sendo a divisão dos casais e os arruamentos estabelecidos por uma malha ortogonal.

“[O] «vasto plano de ocupação do solo procurou ordenar o território em unidades individuais de produção dispostas numa via estruturante»” (Mestre apud Lopes, 2009: 31), foram assim construídos 207 casais agrícolas com “uma linguagem formal pouco inventiva e muito próxima do conceito de uma arquitectura portuguesa regional” (*ibidem*: 32).

Para além dos casais agrícolas, a Colónia Agrícola de Pegões também é dotada por um “conjunto de edifícios constituídos pela igreja de Santo Isidro, pelas casas do pároco e professoras e pelas duas escolas” (Lopes, 2009: 32), que se destacam pela sua linguagem modernista contrastante da linguagem arquitectónica dos casais e pela utilização de novos materiais, como por exemplo a aplicação da técnica do fuso cerâmico.

Segundo o Sr. Florêncio Pinto, filho de colonos, “[q]uanto ao núcleo destas construções, ao princípio achava-se estranho, dizia-se que eram arquitectos malucos” (Lopes, 2009: 32).



**Figura 8: Igreja de Santo Isidro de Pegões.**

**Fonte:** © Irene Buarque e Cláudio Buarque, s/d, in *A Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões*.

## 2.2. Casais Agrícolas

No conjunto dos três núcleos, Faias, Figueiras e Pegões Velhos, como já foi *supra* mencionado na Contextualização Histórica, Política e Social, foram implantados 207 casais agrícolas, fruto de uma “perspectiva tipificadora” (Coelho, 2009: 91), cabendo aos arquitectos Henrique Albino e António José de Oliveira Trigo a elaboração daqueles que viriam a ser os “projectos tipo” (*ibidem*) para as habitações dos colonos da Colónia Agrícola de Pegões.

“À originalidade e ousadia do desenho moderno, contrapõem o despojamento e a simplicidade utilitária, ainda que conceptualmente comprometida” (Lima, 2016: 35). Desta forma conseguimos verificar com clareza na composição da arquitectura dos Casais agrícolas uma linguagem menos ousada, em contraponto com a linguagem arquitectónica que foi utilizada na elaboração dos projectos da igreja de Santo Isidro, da casa do pároco e das professoras e das duas escolas.

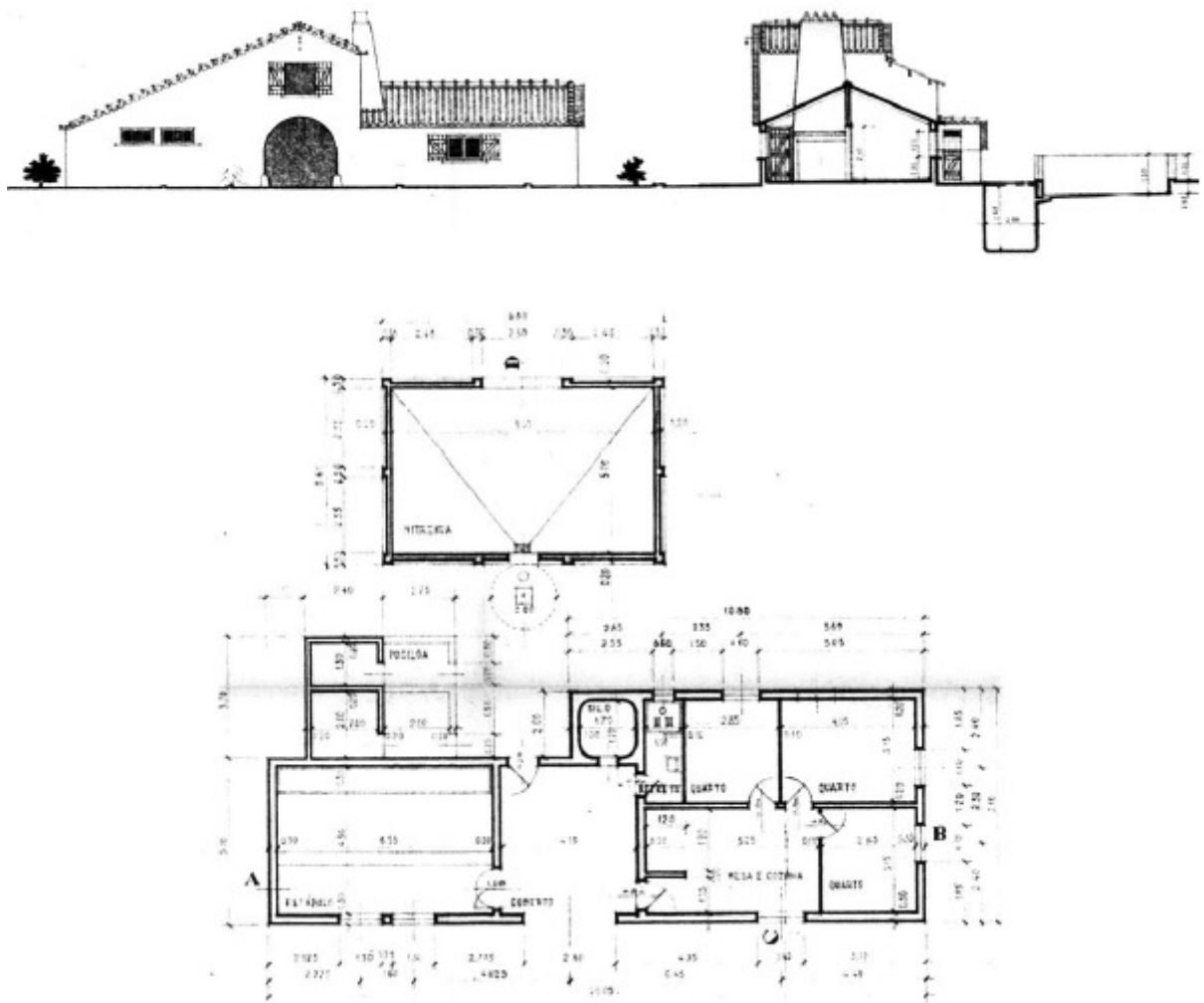
Esta simplicidade deve-se ao facto dos “projectos tipo” (Coelho, 2009: 91) assumirem uma linguagem *regionalista* e *ruralizante*, que apesar de serem diferentes em termos formais nos três núcleos, no que se refere à organização espacial eram idênticas, “agregando na mesma volumetria a habitação e as áreas afectas ao trabalho agrícola”. (Lima, 2016: 35)



**Figura 9: Casais do Núcleo das Faias, Santo Isidro de Pegões.**  
Fonte: A Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões.

Adequada às suas funções, é com clareza que verificamos que a simplicidade formal dos casais agrícolas da Colónia Agrícola de Pegões correspondem de uma forma discreta à “matriz estética nacional que sustentou o ideário de Raul Lino”. (Coelho, 2009: 91)

Tendo como referência a *Casa Portuguesa* de Raul Lino, é notório o despojamento formal, levando a um certo afastamento da exaltação romântica, libertando-se assim de algum exagero e "flore arquitectónico" (Coelho, 2009: 92) tão característico daquele ideário. Desta forma é evidente que o desenho das tipologias propostas para os Casais agrícolas, se aproximaram mais da designada *Casa Rural* e do seu tradicionalismo inerente através da simplicidade de forma a enquadrar a habitação na ruralidade. "[A] beleza da casa rural resulta sobretudo da sua simplicidade." (Macedo *apud* Coelho, 2009: 95)



“O jogo elementar mas equilibrado dos volumes de cada habitação, a repetição destes nos conjuntos edificados e a sua orientação uniforme aos pontos cardeais, valorizam o aspeto paisagístico deste território.” (Lima, 2016: 38)

Com o intuito da sustentabilidade do agregado familiar, implantados em terrenos destinados às várias culturas agrícolas, entre as quais “culturas de sequeiro, vinha, pinhal e junto à habitação, a pomar e culturas hortícolas de regadio.” (Lima, 2016: 27)

As casas do casal agrícola tinham todas as mesmas dimensões. O casal, indivisível, era constituído por uma casa de habitação, com cozinha que também servia de sala, e três quartos, uma para os pais e os outros para os filhos, rapazes e raparigas, distribuídas por uma área coberta de 63 m<sup>2</sup>; havia ainda o estábulo para os animais, a pocilga e a nitrena, uma capoeira e uma coelheira, um sotão para a palha e um silo para os cereais. (Lopes, 2009: 37)



**Figura 11: Casal n.º 89 “Sto. António” do Núcleo das Faias, Santo Isidro de Pegões, 2009.**  
Fonte: © Paulo Lima, s/d. in *A Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões*.

Apesar de terem um carácter *regional* e *rural*, nos Casais agrícolas foram evidentes os progressos propriamente ditos em questões de higiene, de salubridade e acima de tudo em termos de dignidade humana, devido às soluções tipológicas propostas pelos arquitectos da Junta de Colonização Interna.

No que diz respeito a intervenções nos casais agrícolas, os colonos viam as suas actividades reguladas pela Junta de Colonização Interna, que os impedia de actuar livremente, “[o]s casais dever-se-iam manter padronizados, de preferência todos ao mesmo nível de produção, com o mesmo sistema de cultura, como se na prática se tratasse de uma grande propriedade.” (Lopes, 2009: 43)

Desde que foram entregues os alvarás de fruição definitiva, em 1988, os colonos ficaram *livres* das imposições da Junta de Colonização Interna, desta forma tem-se verificado a actual *Descaracterização Arquitectónica* por via de intervenções descuidadas sem um fio condutor, e na maioria dos casos (senão todos) sem intervenção por parte de arquitectos, que colocam em causa a harmonia da paisagem e o carácter tipificador que guiou os projectos originais dos casais agrícolas.

Dos tempos do colonato agrícola, as localidades de Figueiras, Faias, Foros ou Pegões Velhos, que constituem a Freguesia de Santo Isidro de Pegões, já pouco guardam. As casas agrícolas mudaram de proprietários e foram sofrendo alterações. Quantos aos casais, no seu conjunto, resta apenas a memória deles.  
(Lopes, 2009: 44)

## CAPÍTULO III

### 3. Intervenção Arquitectónica no Casal "Urze" – n.º 197: Proposta

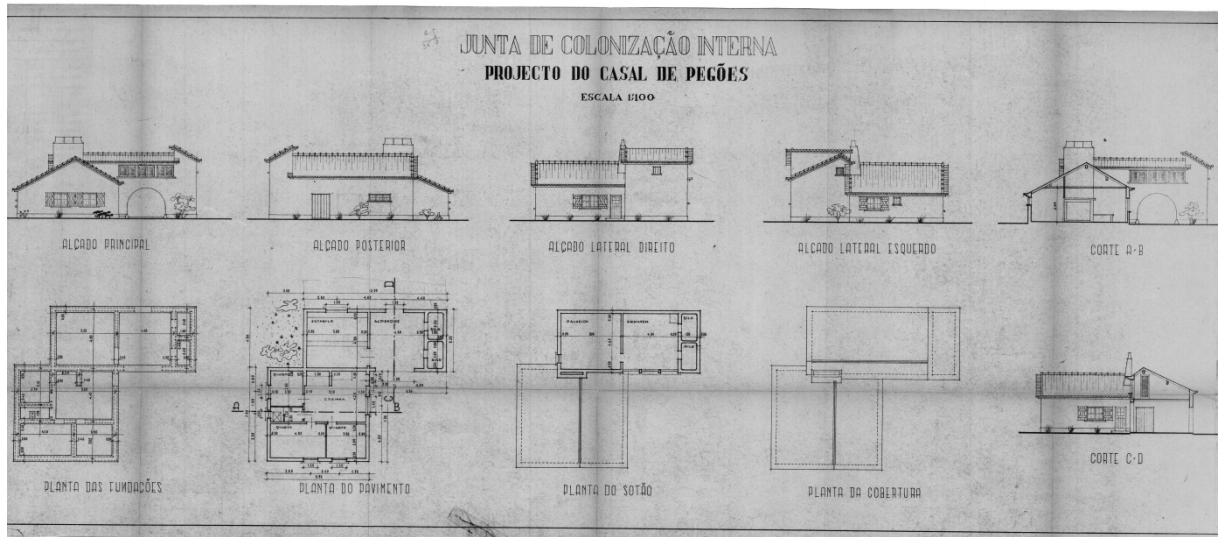
Apresentada a problemática, esta dissertação culmina com a necessidade de dar uma nova vida ao "Urze" – Casal n.º 197, respondendo aos conceitos que foram mencionados como motores para uma intervenção arquitectónica, na realidade física em que o objecto de estudo se insere.



**Figura 12: "Urze" – Casal n.º 197.  
Fonte: Fotografia do autor, 2018.**

Parte integrante do Núcleo das Figueiras, o “Urze” – Casal n.º 197, é quase representante único no que diz respeito aos traços originais da arquitectura implementada na Colónia Agrícola de Pegões. Caracterizado por uma linguagem arquitectónica *regional* e *rural*, é notória a ligeira inspiração na *Casa Portuguesa* de Raul Lino.

Utilizando a mesma tipologia, os Casais de cada núcleo da Colónia, destacam-se pela sua *Singularidade Formal*. Servidos por uma malha de arruamentos e acessos ortogonal, o projecto-tipo dos Casais agrícolas do núcleo das Figueiras, foram implantados de forma simétrica, com a intenção de serem orientados aos acessos que os servem, e são compostos por dois volumes que se intersectam, um destinado às práticas do trabalho e acomodação de animais, e outro destinado às áreas sociais e privadas da habitação.

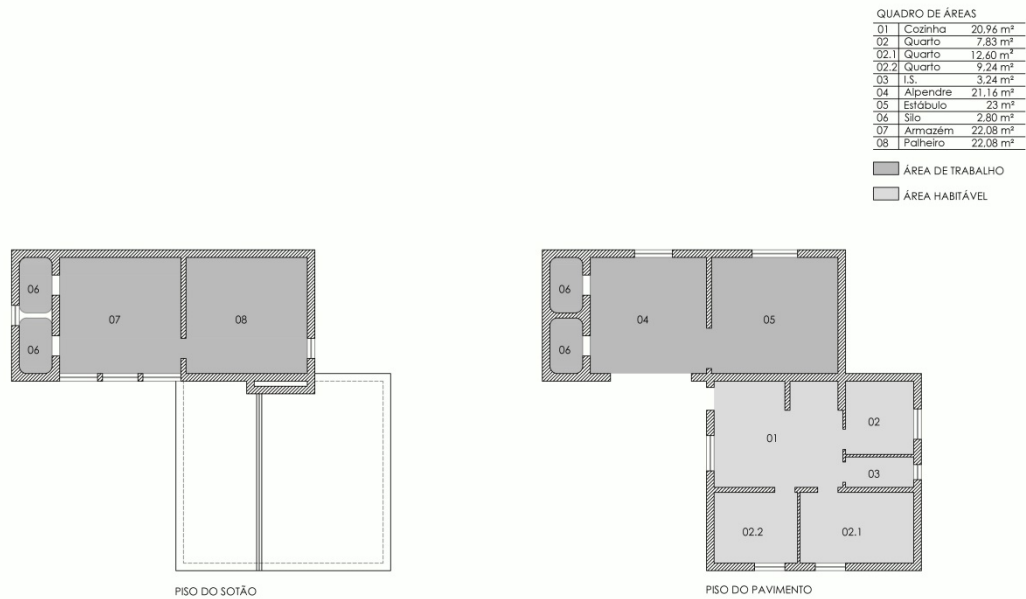


**Figura 13: “Projecto tipo” do Casal do núcleo das Figueiras.  
Fonte: Câmara Municipal do Montijo.**

Despojado de qualquer ornamentação marcante, o elemento de destaque nesta composição de dois blocos rígidos é o arco que servia de acesso às áreas de trabalho e apresentava dimensões suficientes para a passagem de todos os utensílios associados ao trabalho agrícola, e ainda para que a recolha dos animais fosse efectuada com maior facilidade.

Tipologicamente, os Casais do núcleo das Figueiras é composto, no bloco destinado às áreas de trabalho, pelo silo, um alpendre, e um estábulo no piso do pavimento, e no piso do sótão, por um armazém e um palheiro. O acesso ao piso do sótão era feito através de uma abertura que se encontrava no entre o alpendre e o armazém, onde os colonos tinham de apoiar uma escada de madeira. A composição do bloco destinado à habitação é organizada por uma cozinha, que tinha também o papel de sala, por uma instalação sanitária e por três quartos, um destinado aos colonos e os outros destinados aos filhos, um deles para os

rapazes e outro para as raparigas. Originalmente, na sua totalidade, os Casais do núcleo das Figueiras eram compostos por um terreno com a superfície de um hectar e meio, e a casa era distinguida por uma área coberta com cerca de 145m<sup>2</sup>, dividida em aproximadamente 92m<sup>2</sup> para o recinto de trabalho e 54m<sup>2</sup> para a zona de habitação.



**Figura 14: Esquema de áreas do Casal agrícola do núcleo das Figueiras.**  
Fonte: Edição do autor.

As boas práticas do trabalho e parte dos seus lucros eram a prova necessária à permanência e continuação de fruição dos Casais perante a Junta de Colonização Interna, facto que se traduziu também na arquitectura da Colónia, onde se observa que foi dada a primazia às áreas de trabalho.

Apesar dos evidentes progressos em questões de higiene propriamente dita, de salubridade e, acima de tudo, em termos de dignidade humana, *supra* mencionados (cf. 2.2), é claro que a arquitectura dos Casais não está adaptada à forma como se vive na actualidade.

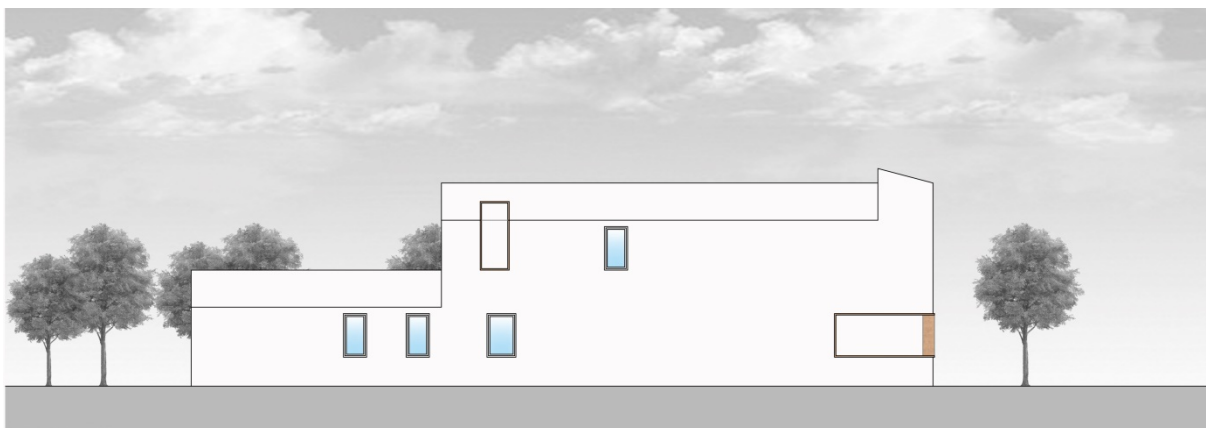
Neste sentido, e com a motivação de dar uma nova vida ao “Urze” – Casal n.º 197, e com a vontade que volte a corresponder aos padrões actuais de conforto e dignidade humana, apresenta-se aqui, uma proposta de intervenção arquitectónica.

Assumindo a *Descaraterização* presente nos três núcleos, afastando-se daquelas que são as premissas de reabilitação, sem a pretensão de efectuar uma “intervenção tipo” e tendo noção da legislação camarária em vigor, que restringe determinada índole de intervenções na Colónia Agrícola de Pegões, a proposta intervenção presente nesta dissertação tem como objectivo seguir uma linguagem de *Transfiguração*, com o sentido de *eleva*r o objecto de estudo e atribuir-lhe uma nova realidade, uma *realidade outra* (cf. 1.4.).

Mantendo a tipologia de habitação, e tentando preservar ao máximo os traços da arquitectura dos Casais do núcleo das Figueiras, para que a sua memória continue a prevalecer, ao longo do processo projectual foi evidente que para adaptar a tipologia existente às formas de viver da actualidade, iria surgir a necessidade que introduzir alterações formais no objecto de estudo.



**Figura 15: Proposta de Intervenção - Alçado Sul. Escala 1/100.**  
Fonte: Edição do autor.



**Figura 16: Proposta de intervenção – Alçado Norte. Escala 1/100.**  
Fonte: Edição de autor.



**Figura 17: Proposta de intervenção – Alçado Nascente. Escala 1/100.**  
Fonte: Edição de autor.



**Figura 18: Proposta de intervenção – Alçado Poente. Escala 1/100.**  
Fonte: Edição de autor.

À semelhança do projecto original, a proposta de intervenção apresentada nesta dissertação é composta por três quartos, mas neste caso, um deles tem anexado um *closet* e uma instalação sanitária. É composta ainda por uma cozinha e uma sala que funcionam de forma independente, uma instalação sanitária que serve as divisões de carácter menos privado e ainda um alpendre que deixa de ter a servidão de apoio ao trabalho, mas sim para o usufruto dos proprietários do Casal.

O acesso ao piso superior deixa de ser feito através de um orifício na laje e com uma escada de madeira e passa a ser feito por meio de uma estrutura adequada. É no piso superior que se desenvolvem os outros dois quartos, uma instalação sanitária que os serve e um terraço onde os proprietários são contemplados com a vista a nascente dos limites do seu Casal.

As áreas de trabalho agrícola não foram consideradas nesta proposta de intervenção. No caso de surgir tal necessidade e a intenção futura de englobar este tipo de áreas nesta proposta, elas irão desenvolver-se num bloco independente ao bloco destinado à habitação, o que será desenvolvido no estudo posterior e no seguimento desta dissertação.



**Figura 19: Proposta de Intervenção – Planta piso térreo. Escala 1/100.**  
Fonte: Edição de autor.



**Figura 20: Proposta de intervenção – Piso Superior. Escala 1/100.**  
Fonte: Edição de autor.

## CONCLUSÃO

A proposta de intervenção que culmina esta dissertação de âmbito académico, procura responder à problemática de uma realidade histórica, política e social num período tão controverso da história de Portugal, onde a arquitectura assumiu um papel decisivo.

Durante todo o processo de elaboração desta dissertação, a investigação de carácter teórico revelou-se estruturante, pois só assim foi possível adquirir o conhecimento das premissas de uma política reformista relativamente à agricultura, que deram origem à criação da Junta de Colonização Interna e por sua vez a criação da Colónia Agrícola de Pegões, até ao conhecimento das tipologias e da *Singularidade Formal* dos projectos-tipo dos Casais agrícolas.

Com o foco principal de adaptar a tipologia do “Urze” – Casal n.º197 às formas de viver da actualidade, a componente prática desta dissertação, assumindo a *Descaracterização* presente na Colónia, incidiu sobretudo na *mudança* segundo uma linha de carácter *transfigurativo*, mas sem descurar aquela que é a memória herdada dos tempos de Colónia.

Através de conceitos motores que respondem e identificam a problemática levantada, foi possível apresentar uma proposta de intervenção no objecto de estudo, elevando-o a algo novo que preserva a memória, que volta a dar resposta aos requisitos de dignidade humana, criando um paralelismo entre passado e futuro.

## BIBLIOGRAFIA

BAGANHA, José Alfredo Franqueira (2013), *A Importância das Tipologias Urbanas e da Arquitectura Popular no Contexto da Globalização*. Montijo: XIV Jornadas da AUP, O Urbanismo e as Novas Territorialidades.

BAGANHA, José Alfredo Franqueira (2012), *La Arquitectura Popular en los Poblados del Alentejo Potugués*, Biscaia: Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea.

BAL, Mieke (2002), *Traveling Concepts In The Humanities*, Toronto: University of Toronto Press.

BENEVOLO, Leonardo (1994), *As origens da Urbanística Moderna*, Lisboa: Editorial Presença.

CENICACELAYA, Javier (2006), «A Arquitectura de José Baganha» in *Casas com Tradição*, Lisboa: Editora "Caleidoscópio".

CHOAY, Françoise (2010), *Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70.

COELHO, Helder Paiva (2009), «Os casais e as tipologias habitacionais destinadas aos colonos» in PEREIRA, Nuno Teotónio; COELHO, Helder Paiva; LOPES, Isabel Costa; BUARQUE, Irene (2009), *Santo Isidro de Pegões: Contrastes de um Património a Preservar*, Montijo: Edições Colibri / Câmara Municipal do Montijo.

DOMINGUES, Álvaro (2011), *Vida no Campo – Equações de Arquitectura*, Porto: Dafne Editora

FRAMPTON, Kenneth (2003 [1997]), *História Crítica da Arquitectura Moderna*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

LEACH, Neil (2005 [1999]), *A Anestésica da Arquitectura*, Lisboa: Antígona.

LIMA, Paulo (2016), *A Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões*, Montijo: Câmara Municipal do Montijo.

LOPES, Isabel Costa (2009), «A Junta de Colonização Interna e a Colónia Agrícola de Pegões» in PEREIRA, Nuno Teotónio; COELHO, Helder Paiva; LOPES, Isabel Costa; BUARQUE, Irene (2009), *Santo Isidro de Pegões: Contrastes de um Património a Preservar*, Montijo: Edições Colibri / Câmara Municipal do Montijo.

PEREIRA, Nuno Teotónio; COELHO, Helder Paiva; LOPES, Isabel Costa; BUARQUE, Irene (2009). *Santo Isidro de Pegões: Contrastes de um Património a Preservar*, Montijo: Edições Colibri / Câmara Municipal do Montijo.

ROSAS, Fernando (1991), «Rafael Duque e a política agrária do Estado Novo (1934-44)» in *Análise Social*, vol. XXVI (112-113).

RUSKIN, John (1849), *The Seven Lamps of Architecture*, New York: John Wiley, 161 Broadway.

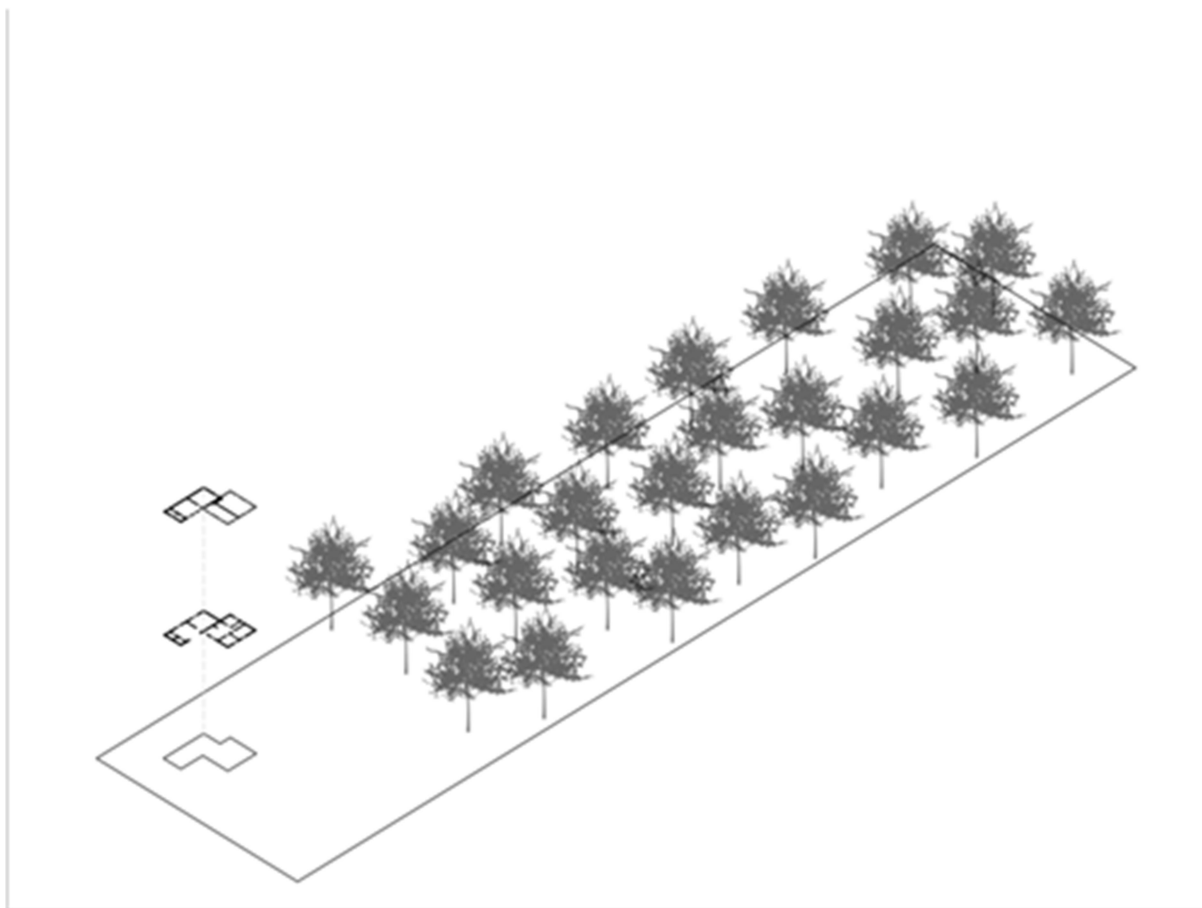
## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I

### I. "Urze" – Casal n.º197



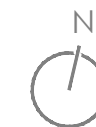
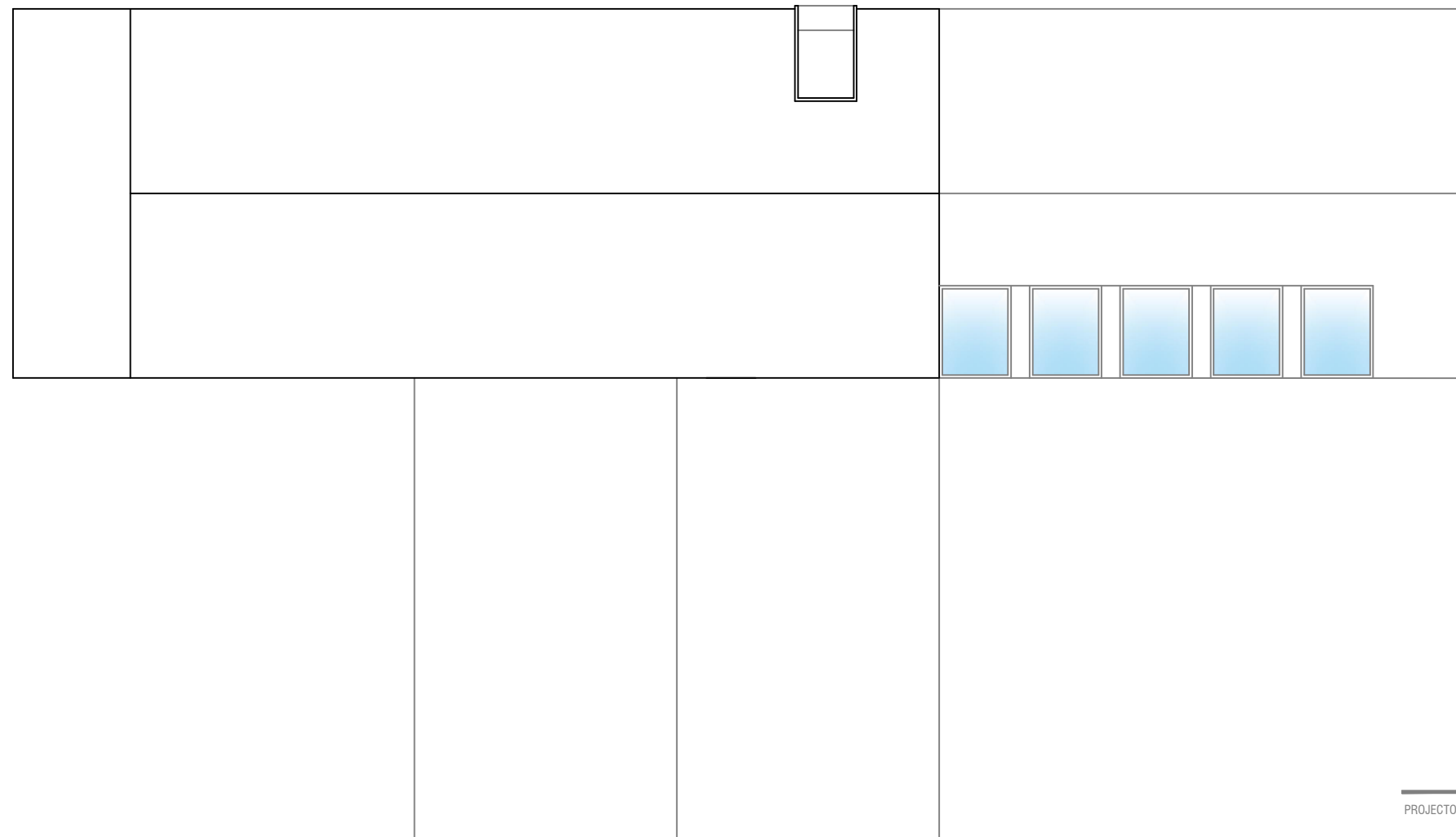
### I. Esquema Tipológico.



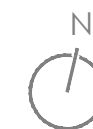
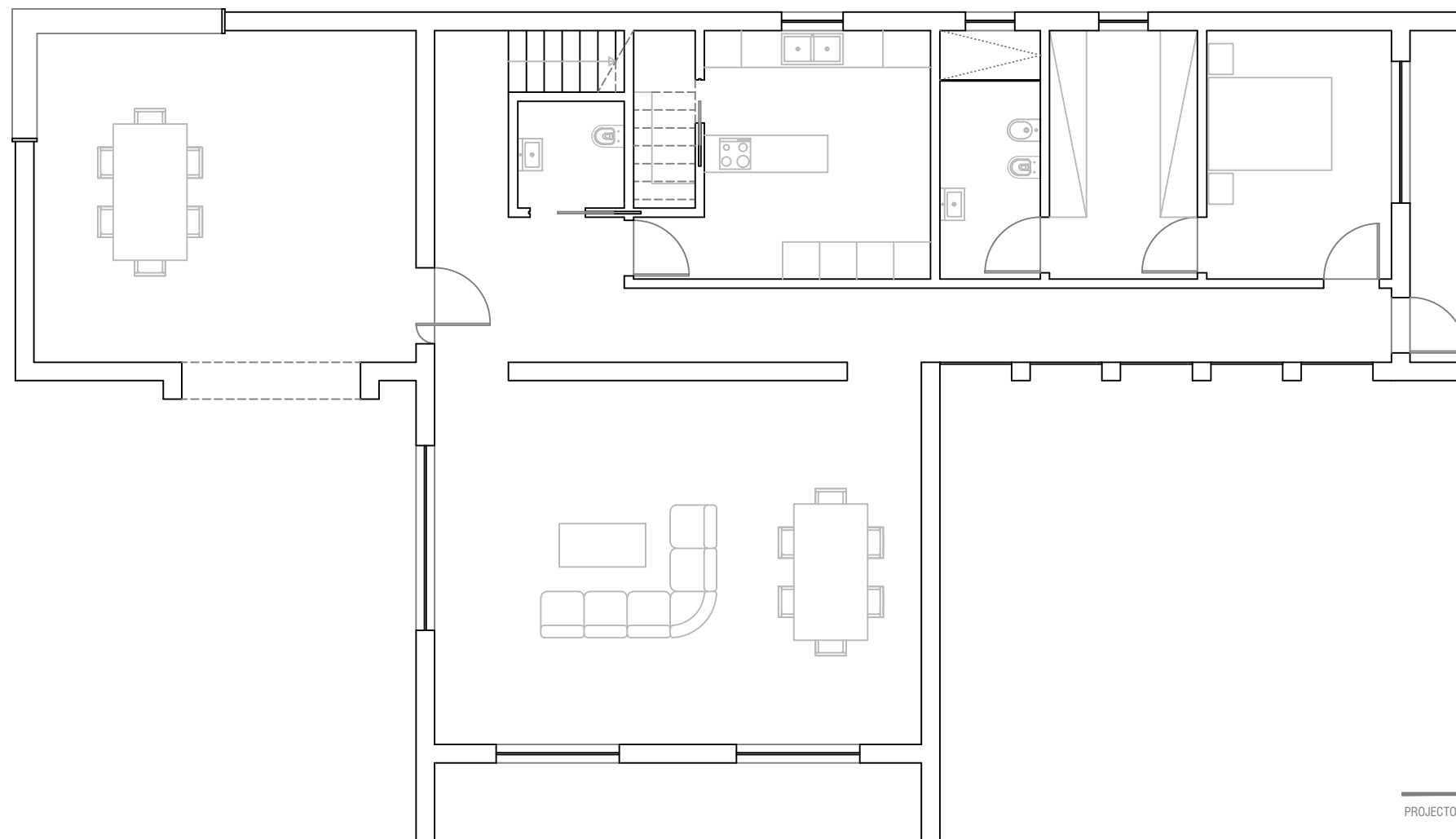
II. Esquema de Composição do Casal Agrícola do Núcleo das Figueiras – “Urze” – Casal n.º 197.

## **APÊNDICE II**

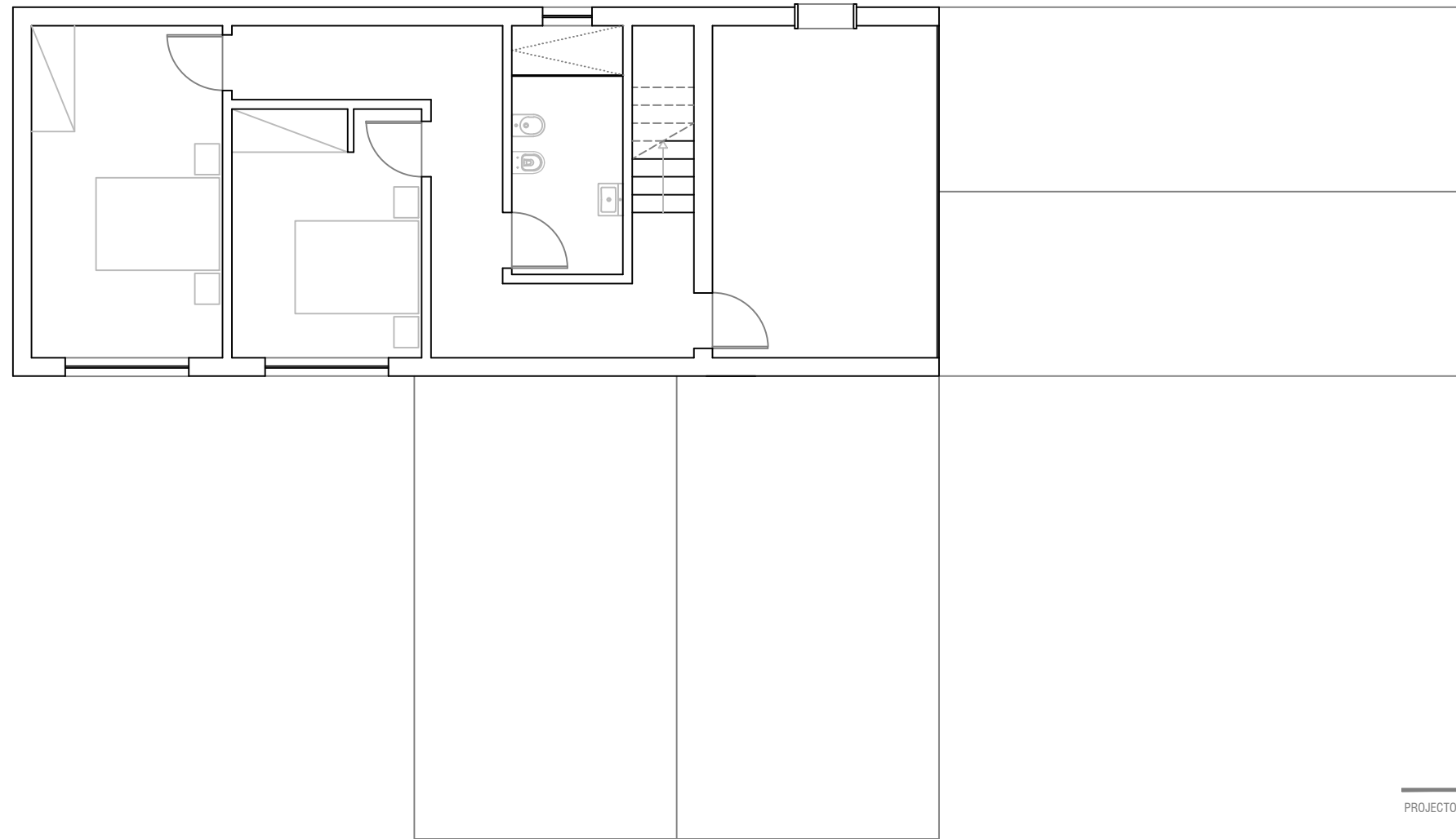
### **II. Proposta de Intervenção**



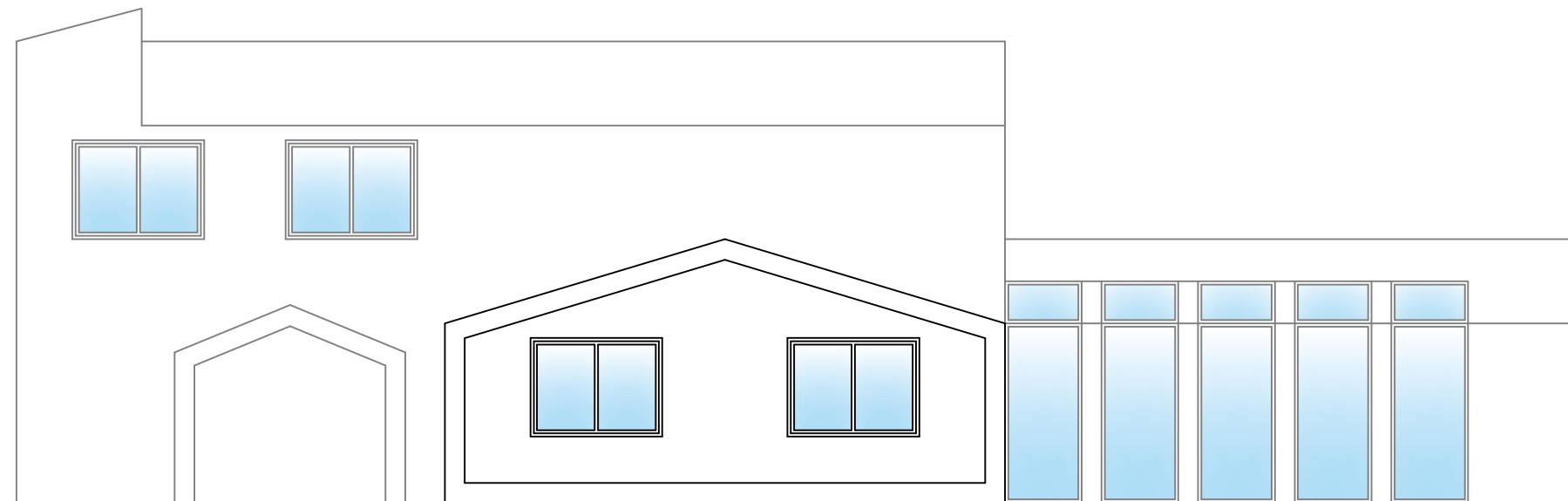
PROJECTO :	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
LOCAL :	"Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões
DESIGNAÇÃO:	<b>Planta de Cobertura</b>
DATA :	2018
Nº DESENHO :	<b>01</b>
ESCALA	1/100
A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR. TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .	



PROJECTO :	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
LOCAL :	"Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões
DESIGNAÇÃO:	<b>Planta de Piso 0</b>
DATA :	2018
Nº DESENHO :	<b>02</b>
ESCALA	1/100
A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR. TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .	



PROJECTO :	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
LOCAL :	"Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões
DESIGNAÇÃO:	<b>Planta de Piso 1</b>
DATA :	2018
Nº DESENHO :	<b>03</b>
ESCALA	1/100
A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR. TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .	



PROJECTO :  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LOCAL : "Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões

DESIGNAÇÃO: **Alçado Sul**

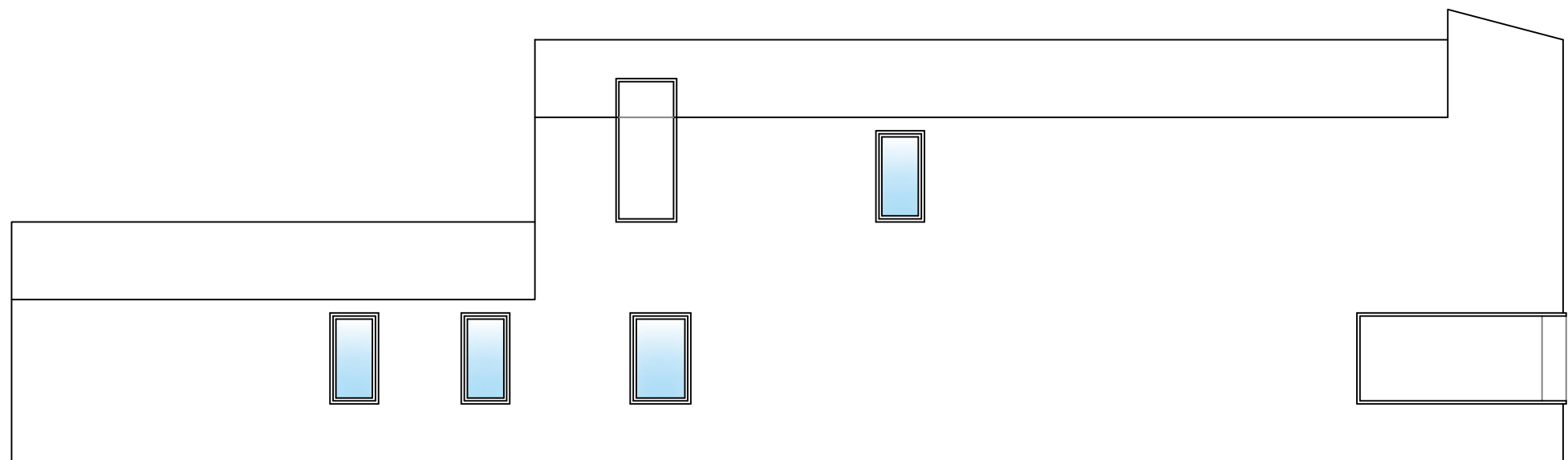
DATA : 2018

Nº DESENHO :

ESCALA  
1/100

**04**

A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR.  
TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA  
SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .



PROJECTO :

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LOCAL :

"Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões

DESIGNAÇÃO:

**Alçado Norte**

DATA :

2018

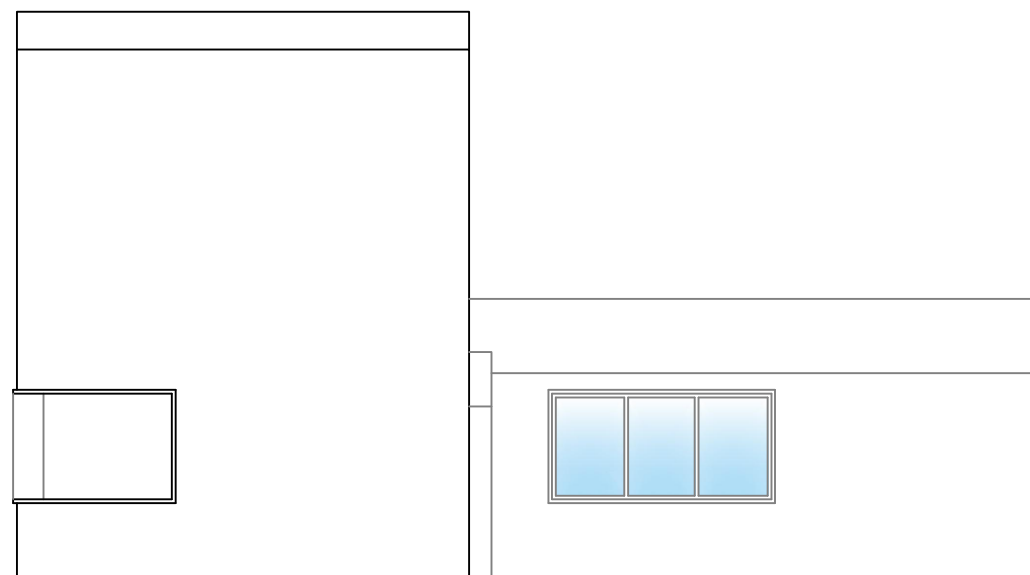
Nº DESENHO :

**05**

ESCALA

1/100

A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR.  
TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA  
SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .



PROJECTO :  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LOCAL : "Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões

DESIGNAÇÃO: **Alçado Poente**

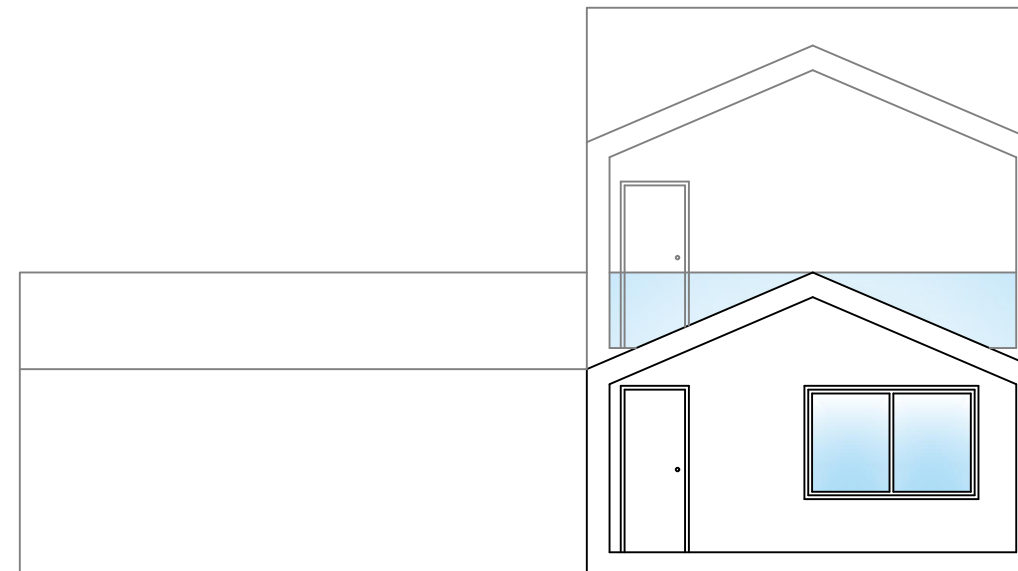
DATA : 2018

Nº DESENHO :

ESCALA  
1/100

**06**

A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR.  
TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA  
SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .



PROJECTO :  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LOCAL : "Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões

DESIGNAÇÃO: **Alçado Nascente**

DATA : 2018

N.º DESENHO :

ESCALA  
1/100

**07**

A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR.  
TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA  
SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .



PROJECTO :  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LOCAL : "Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões

DESIGNAÇÃO: **Corte AB**

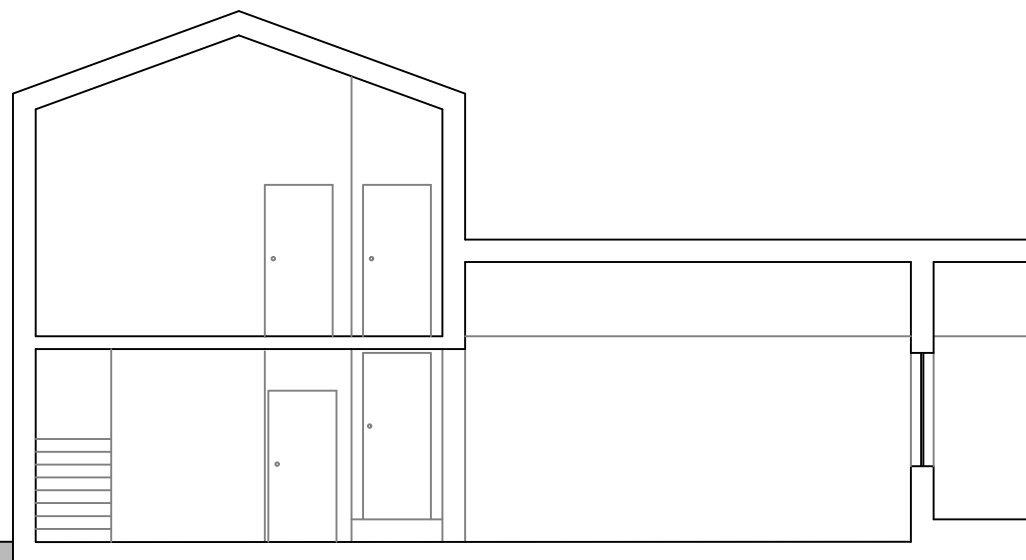
DATA : 2018

Nº DESENHO :

ESCALA  
1/100

**08**

A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR.  
TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA  
SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .



PROJECTO :

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LOCAL : "Urze" - Casal n.º 197, Colónia Agrícola de Pegões

DESIGNAÇÃO:

**Corte CD**

DATA : 2018

N.º DESENHO :

ESCALA  
1/100

**09**

A INFORMAÇÃO CONTIDA NESTE DOCUMENTO É PROPRIEDADE INTELECTUAL DO AUTOR.  
TODOS OS DIREITOS ESTÃO RESERVADOS. A REPRODUÇÃO PARCIAL OU GLOBAL DOS MESMOS É INTERDITA  
SALVO AUTORIZAÇÃO ESCRITA .



**XII. Simulação tridimensional da proposta; perspectiva Sul.**



**XIII. Simulação tridimensional da proposta; perspectiva Nascente/Norte.**











**XIV. Simulação tridimensional da proposta; perspectiva Sul/Nascente.**

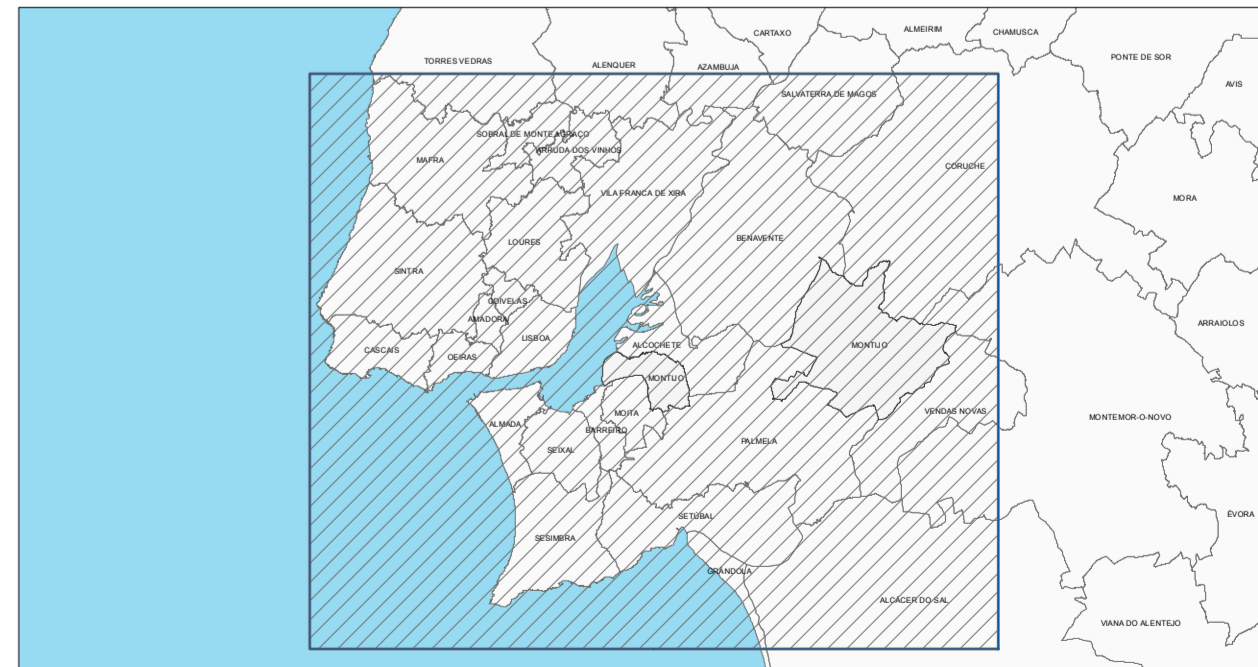
## **ANEXOS**

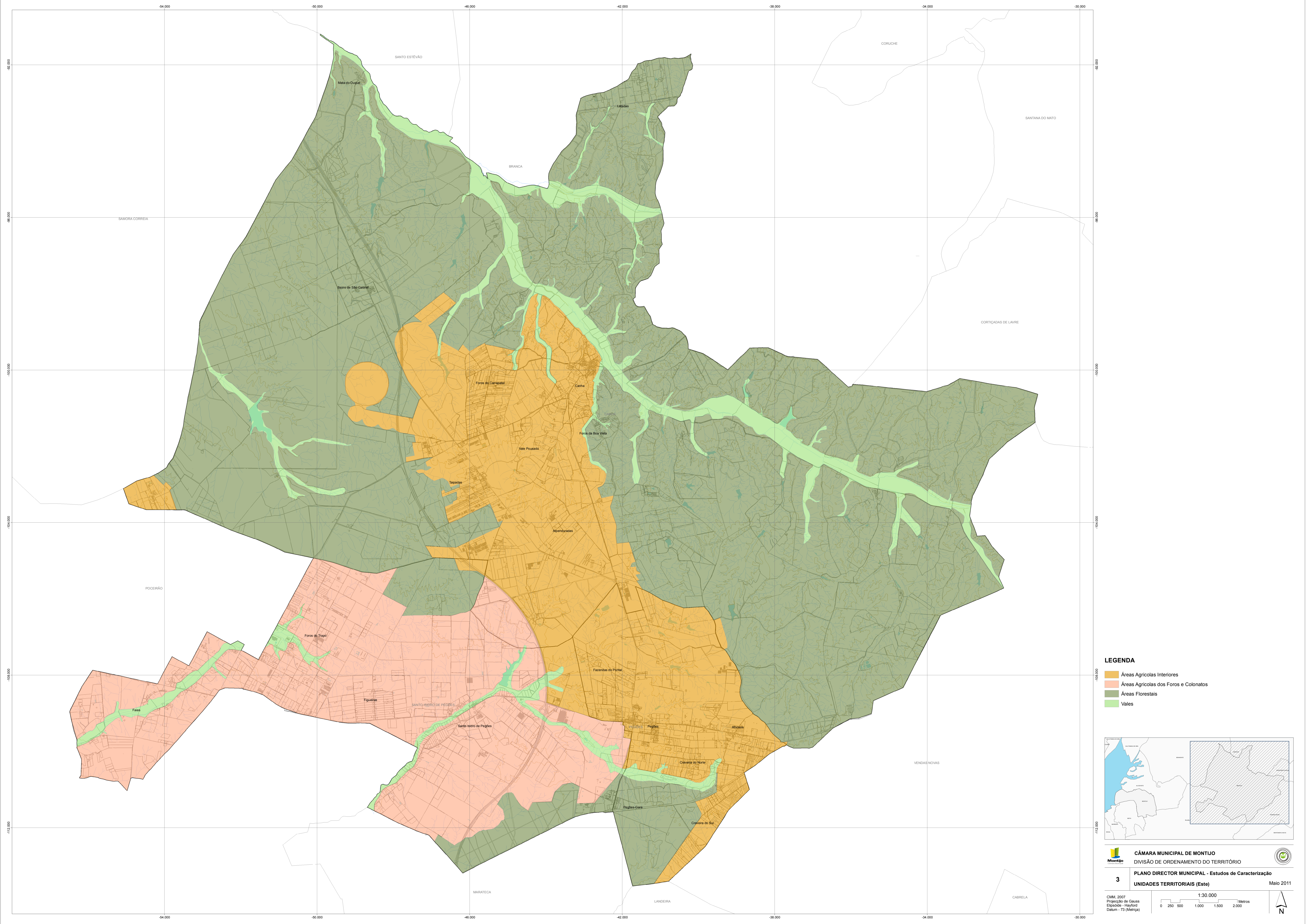
## **ANEXO I**

### **I. Estudos de Caracterização**

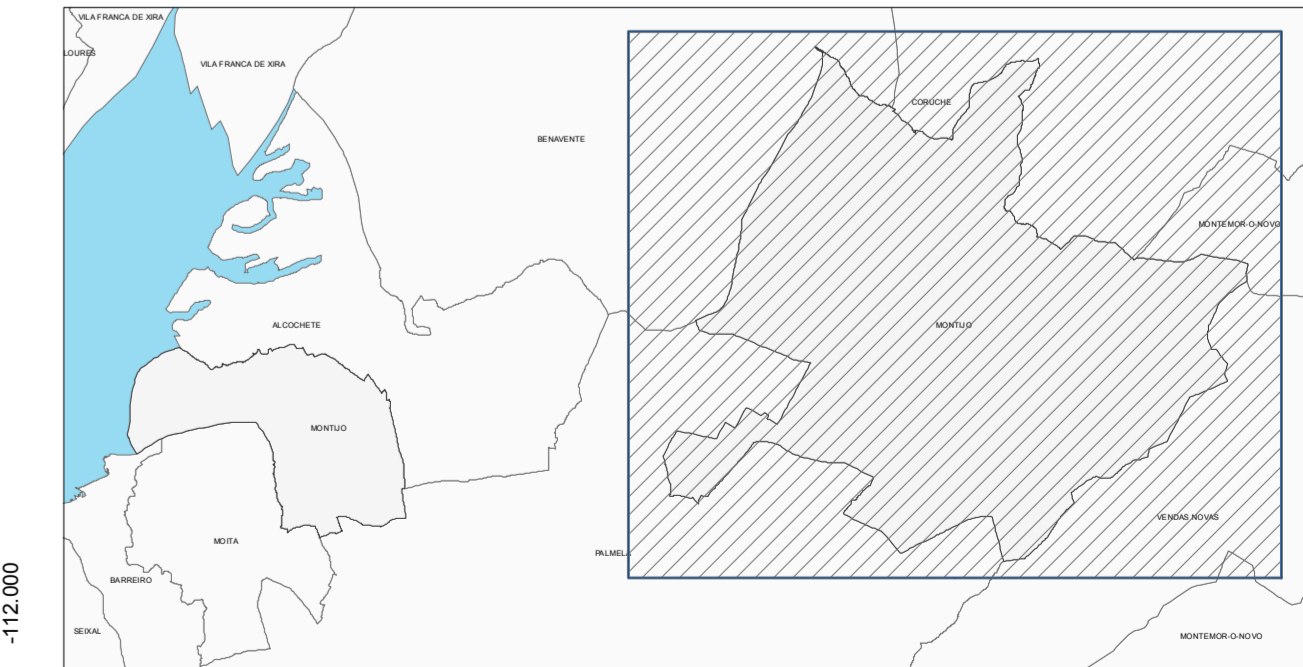


- Legenda**
-  Infra-estruturas Portuárias
  -  Hospitais
  -  Infra-estruturas Aeroportuárias
  -  Estações Ferroviárias
  -  Rede viária Principal
  -  Rede Viária Secundária
  -  Rede Ferroviária
  -  Áreas Protegidas
  -  Áreas Edificadas





- LEGENDA**
- Áreas Agrícolas Interiores
  - Áreas Agrícolas dos Foros e Colonatos
  - Áreas Florestais
  - Vales

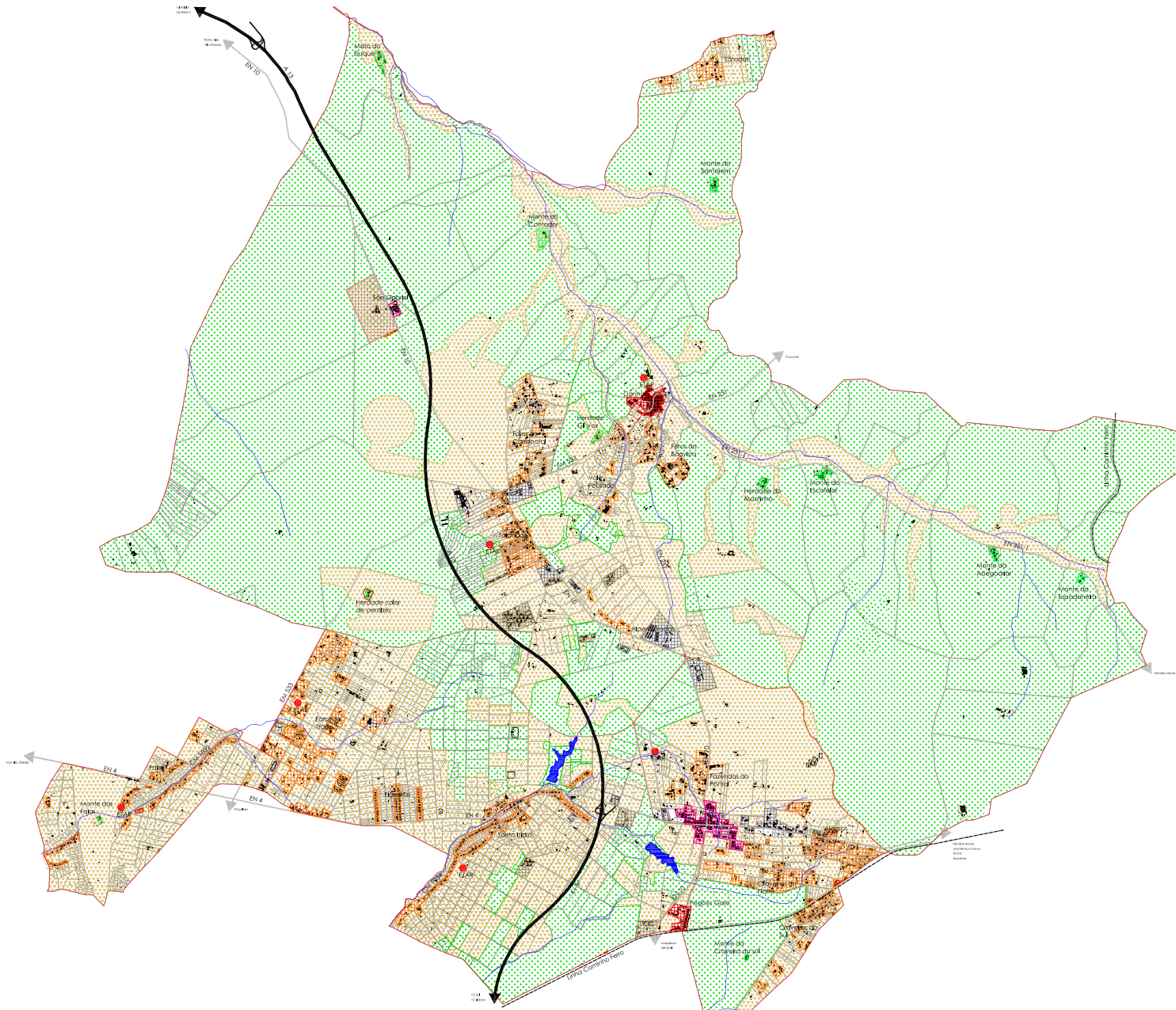


**CÂMARA MUNICIPAL DE MONTLVO**  
 DIVISÃO DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

**PLANO DIRECTOR MUNICIPAL - Estudos de Caracterização**  
**3 UNIDADES TERRITORIAIS (Este)**
Maio 2011

CA.M. 2007  
 Projeção de Gauss  
 Elipsóide - Hayford  
 Datum - 73 (Meridj)

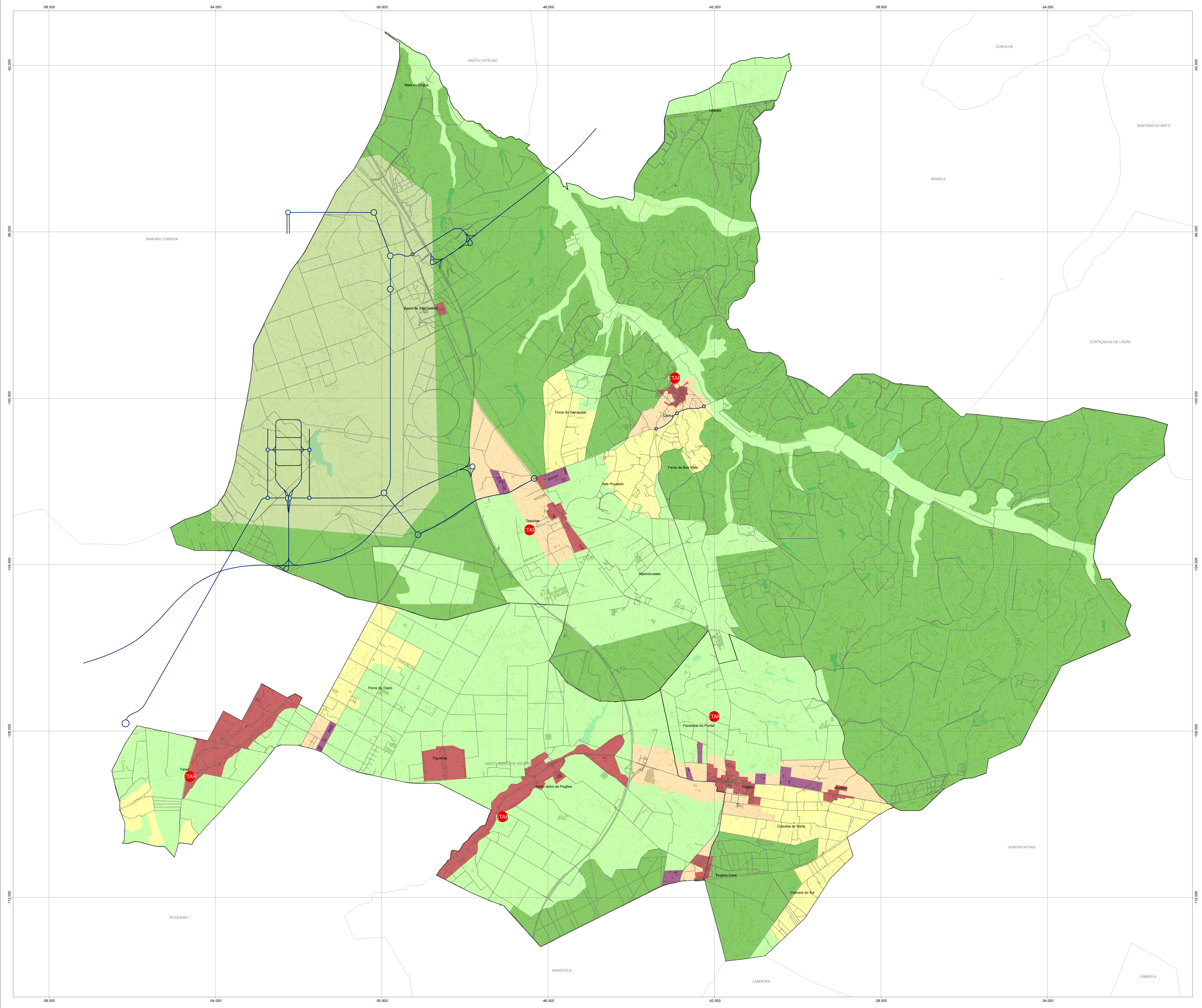
  
 1:30.000  
 Metros  
 0 250 500 1.000 1.500 2.000



**LEGENDA :**

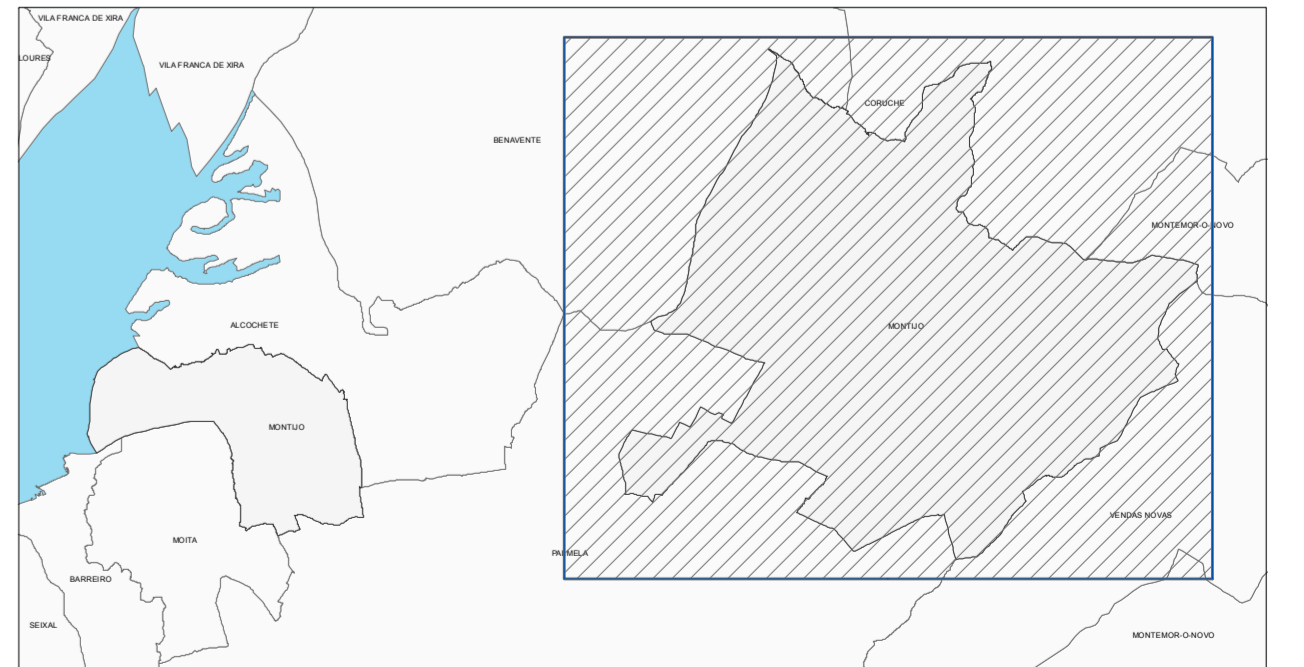
- Áreas Edificadas Compactas
- Áreas a Estruturar
- Áreas de Edificação Dispersa
- Espaços afectos a Actividades Industriais
- Espaços de Uso Especial
- Espaços Agrícolas
- Espaços Florestais
- Núcleos Edificados das Quintas
- Cadastro Rústico
- Construções Existentes
- Estação de Tratamento de Águas Residuais
- Perímetros Urbanos Externos
- Rede Viária Supra Municipal Existente
- Rede Viária Local Existente
- Rede Ferroviária Existente
- Linhas de Água principais
- Linha de Freguesia
- Linha de Concelho





**Legenda**

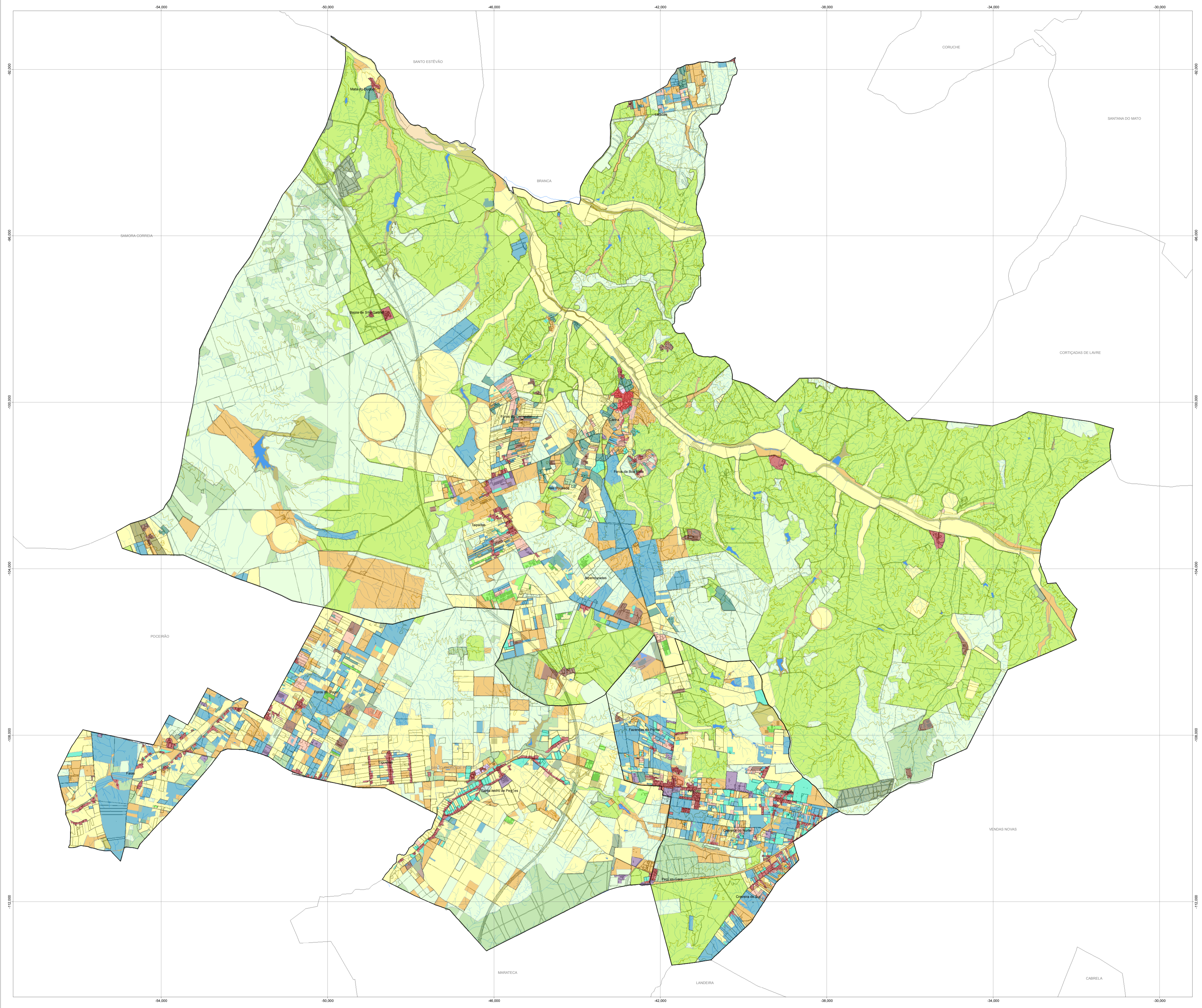
- Área Urbana Mista
- Área Urbana a Conter e Estabilizar
- Área Disponível para Urbanização
- Área Industrial e Logística
- Área Agrícola com Edificação Dispersa
- Área Agrícola
- Espaço de Uso Especial
- Área Florestal
  
- ETAR
- Vias Propostas



**CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO**  
 DIVISÃO DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO  
**PLANO DIRECTOR MUNICIPAL - Estudos de caracterização**  
**7** **Modelo territorial (Este)** Maio 2011

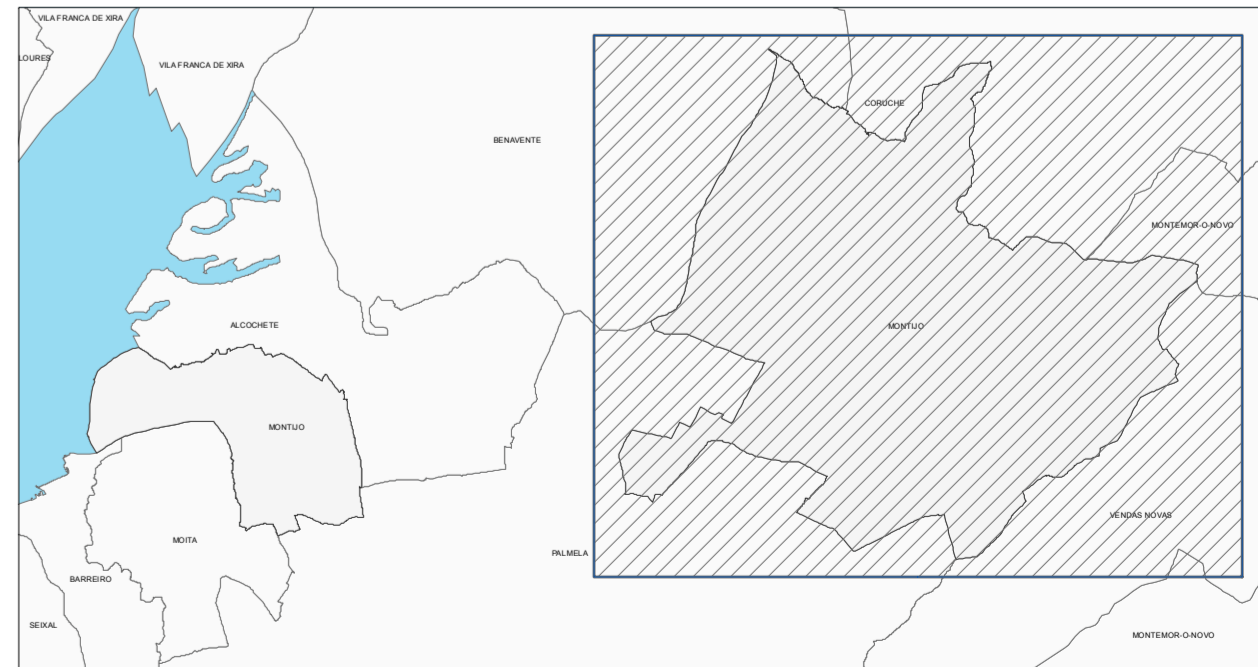
CAIM 2007  
 Projeção de Gauss  
 Elipsóide - Hayford  
 Datum - 73 (Merica)

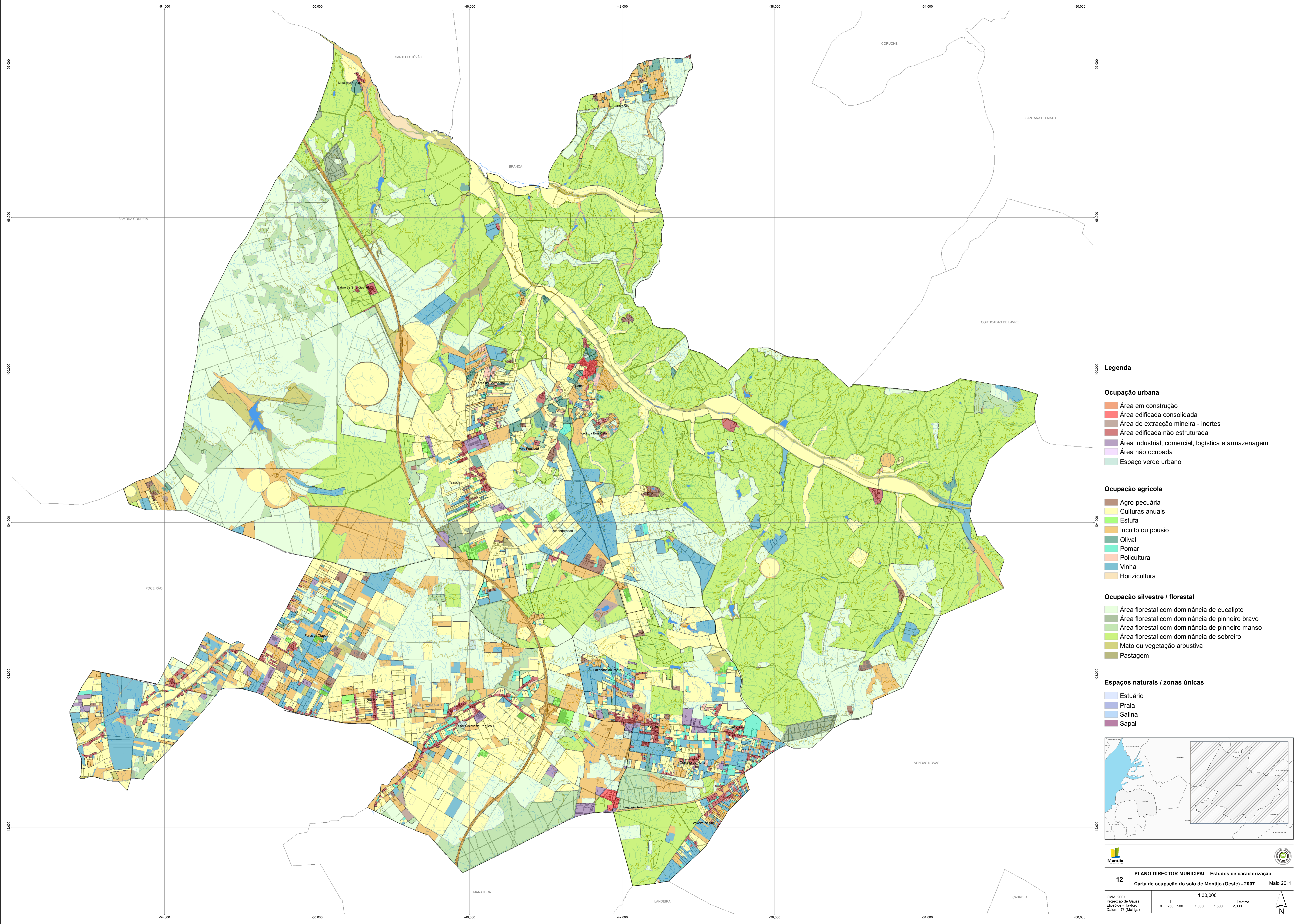
  
 1:30.000  
 0 250 500 1.000 1.500 2.000 Metros



**Legenda**

- Ocupação urbana**
- Área em construção
  - Área edificada consolidada
  - Área de extracção mineira - inertes
  - Área edificada não estruturada
  - Área industrial, comercial, logística e armazenagem
  - Área não ocupada
  - Espaço verde urbano
- Ocupação agrícola**
- Agro-pecuária
  - Culturas anuais
  - Estufa
  - Inculto ou pousio
  - Olival
  - Pomar
  - Policultura
  - Vinha
  - Horzicultura
- Ocupação silvestre / florestal**
- Área florestal com dominância de eucalipto
  - Área florestal com dominância de pinheiro bravo
  - Área florestal com dominância de pinheiro manso
  - Área florestal com dominância de sobreiro
  - Mato ou vegetação arbustiva
  - Pastagem
- Espaços naturais / zonas únicas**
- Estuário
  - Praia
  - Salina
  - Sapal





**Legenda**

- Ocupação urbana**
- Área em construção
  - Área edificada consolidada
  - Área de extração mineira - inertes
  - Área edificada não estruturada
  - Área industrial, comercial, logística e armazenagem
  - Área não ocupada
  - Espaço verde urbano

- Ocupação agrícola**
- Agro-pecuária
  - Culturas anuais
  - Estufa
  - Inculto ou pousio
  - Olival
  - Pomar
  - Policultura
  - Vinha
  - Horzicultura

- Ocupação silvestre / florestal**
- Área florestal com dominância de eucalipto
  - Área florestal com dominância de pinheiro bravo
  - Área florestal com dominância de pinheiro manso
  - Área florestal com dominância de sobreiro
  - Mato ou vegetação arbustiva
  - Pastagem

- Espaços naturais / zonas únicas**
- Estuário
  - Praia
  - Salina
  - Sapal



## II. Contextualização Histórica, Política e Social



VII. Fontanário Setecentista de Santo Isidro de Pegões.  
Fonte: Fotografia de autor.



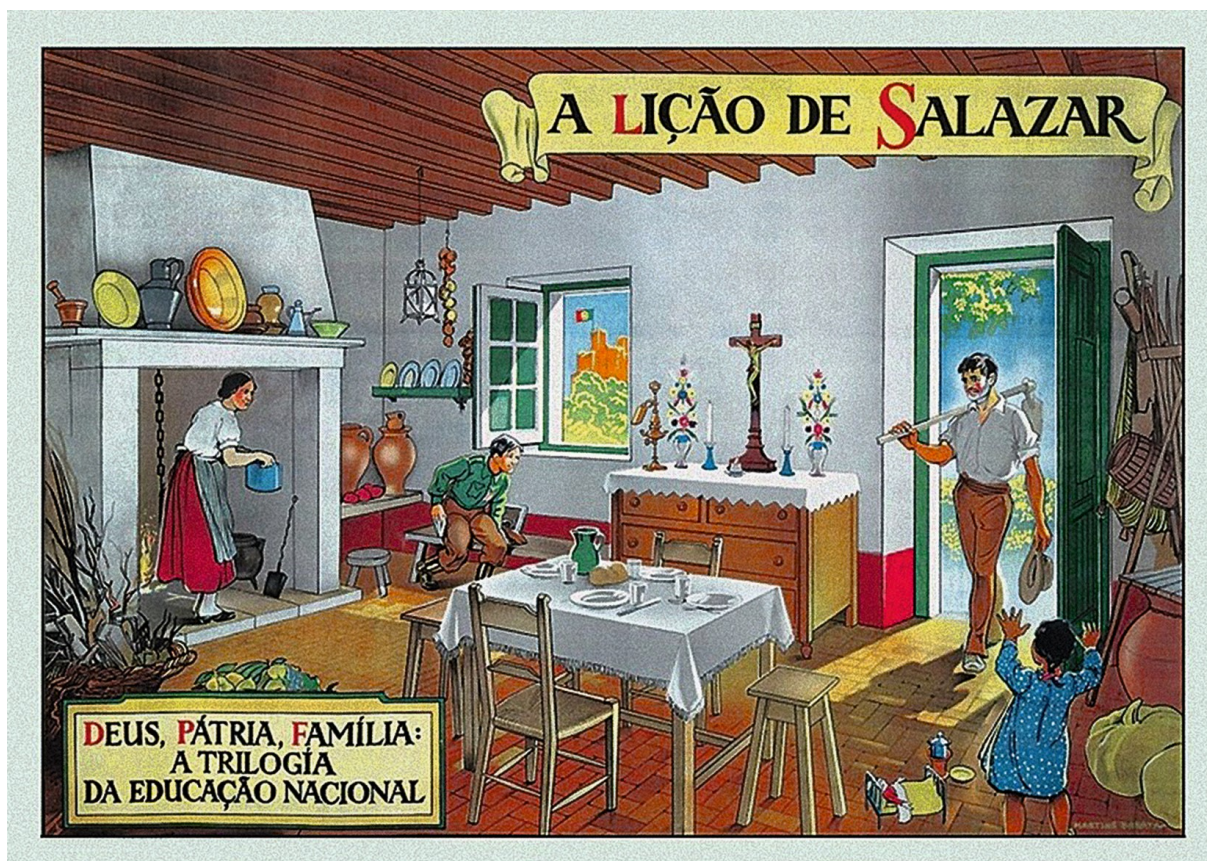
VIII. Cartazes de Campanha de Produção Agrícola.

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/colonia-agricola-de-pegoes.html>



XI. Cartazes de Campanha de Produção Agrícola.

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/colonia-agricola-de-pegoes.html>



X. Ilustração "A Lição de Salazar" – A Trilogia da Educação Nacional.  
Fonte: <http://aescolaantiga.blogspot.com/2013/07/a-licao-de-salazar.html>

**III. Colónia Agrícola de Pegões**



**XI. Igreja de Santo Isidro de Pegões.**  
**Fonte: Fotografia de autor, 2018.**



**XII. Escola Primária.**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/colonia-agricola-de-pegoes.html>

- A cofragem é ligeira, deslizante e mesmo descontínua. O tempo de espera para a descofragem vai de 24 a 48 H.
- 1 fuso pesa 1,88 250.



O fuso  
cerâmico  
para  
servir  
V. Ex.<sup>a</sup>



- Não são necessários operários especializados. 1 pedreiro faz 1 m.<sup>2</sup> em 1/2 hora.
- 1 m.<sup>2</sup> de abóbada necessita de 44 fusos cerâmicos e 50 litros de argamassa a 350 Kgs. de cimento.

T E C N I C A

XIII. O Fuso Cerâmico – Panfleto da empresa “Neotécnica de Materiais de Construção, Lda.”, década de 1960.

Fonte: A Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões.



**XIV. Núcleo de Pegões Velhos.**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/colonia-agricola-de-pegoes.html>

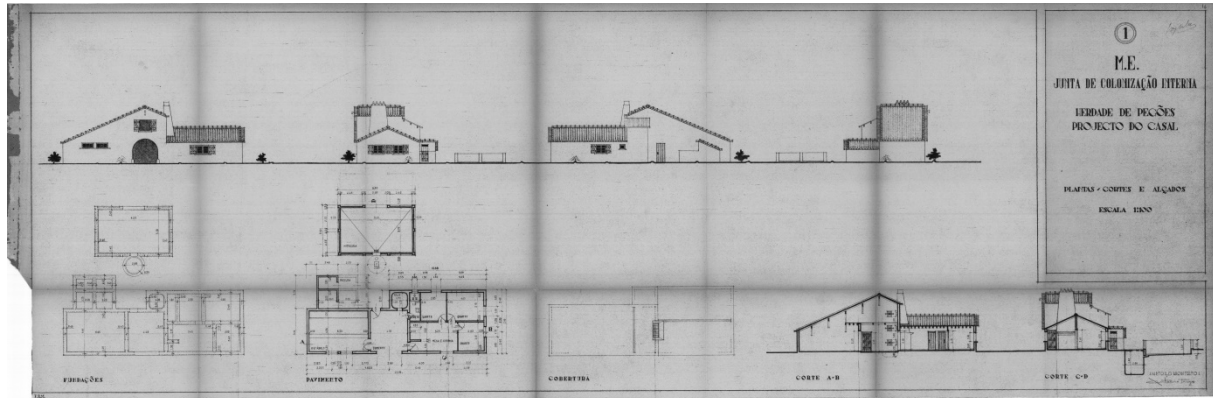


**XV. Quotidiano da Colónia Agrícola de Pegões.**

Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/colonia-agricola-de-pegoes.html>



Rui Filipe Cabrita de Azevedo  
"Urze" – Casal n.º 197, Intervenção Arquitectónica na Colónia Agrícola de Pegões



**XVII. Projecto Tipo Casal Núcleo de Pegões Velhos.**  
**Fonte: Camâra Municipal do Montijo.**